

A Oubliette

d'Apprenti



ISBN: XXXX

Autor: Gustavo Soares Marcos

Capa: Orlando José do Ó

Edição: Jornal “O Olhanense”

Editor: Gustavo Soares Marcos

1.ª Edição - 500 Exemplares

Depósito Legal n.º 474356/20

Impressão e acabamento: FIG – Indústrias Gráficas, SA - Coimbra



Gustavo Soares Marcos

A ODISSEIA D'ARRAÚL

Edição Jornal "O Olhanense"





Aos meus pais, Licélio e Suzel, a quem devo aquilo que sou e uma infância muito feliz

À minha mulher, Vânia, pelo amor e companhia de todos os momentos

Ao meu filho, Guilherme, pelo privilégio de ser teu pai





Filho d'Olhão

Não vira a cara a cachão

Ditado Popular





Capítulo I

NO INÍCIO

Reinando sobre o grande oceano ocidental, existiu um dia uma próspera civilização marítima, cujo avanço cultural, científico e económico, a colocou num patamar superior às demais.

Nesse arquipélago distante, o mais importante e venerado de todos os senhores era Atlas, patrão adamastor, a quem todos deviam temor e fidelidade.

O absoluto soberano e os onze irmãos eram filhos de Gaia, criadora da terra, e Úrano, o céu envolvente. Gerados com capacidade e aptidão para zelar pelo equilíbrio universal, negaram os traiçoeiros a vocação divina para impor um



jugo de terror ao mundo por eles herdado.

Sem adversários à altura, foi Zeus, filho de Cronos, o primeiro a erguer-se contra o destino imposto pelos partidários do pai. O conflito atingiu proporções cósmicas, abrindo caminho ao triunfo de uma nova ordem. Desapossados do pérfido poder, os gigantes foram perseguidos, julgados e, no final, condenados ao desterro, para lá dos limites do imaginável.

No refúgio da poderosa Atlântida, o acórdão passou a letra morta, branqueado pela natureza traiçoeira dos juriconsultos. Agradeceu-lhes o velho titã, pois a salvo da justiça, estaria livre para delinear o seu projeto de vingança.

Aliando o sofismo à hipocrisia de líder benévolo, mecenas do desenvolvimento e patrono da liberdade, o déspota era invejoso e desconfiado, experimentado em semear ventos para colher tempestades, concretizando anseios revanchistas com recurso ao impacto tecnológico, ao alastrar de influências e à conversão, pela força das armas, de uma ilha nação em império.

Lá longe, Zeus, líder do panteão Olímpico, foi advertido do perigo daquela expansão. Movida por princípios de avareza, cobiça e vingança, sentiam as vítimas o impacto cruel dos agressores, determinados à guerra de aniquilação e à devassa da ordem imposta pelos deuses.

Perante a gravidade dos acontecimentos, os senhores do Olimpo decidiram tomar posição, patrocinando o esforço de uma larga coligação, liderada pelos atenienses. A batalha contras as hostes ocidentais foi longa, extenuante e selvagem; no limiar do esforço, quando o troar dos sucessivos comandos diluiu a percepção do sacrifício, o vil ânimo dos agressores soçobrou, acabando por os destroçar.

Em casa, o povo insular, na maior parte alheio ao delírio dos líderes, foi



surpreendido pela insensata cólera da pena divina. Na hora do golpe de misericórdia, a ação foi curta, dura e unânime; a Atlas caberia o fardo de carregar para sempre o peso do mundo sobre os ombros. À Atlântida ser apagada da memória coletiva, afundada na escuridão profunda do grande oceano; esquecida e, com ela, todos os seus.

Na confluência de sismos, maremotos, ciclones, torrentes de lava e horizontes fechados, Arraúl teve a sorte do seu lado.

O mais novo de vinte irmãos, filho de Adrasto, guarda-mor das colunas de Héracles, sobreviveu engolido no ventre de uma baleia, que almareada por tamanha agitação, acabou por o largar ao largo das terras a noroeste.

Naquele local de chegada, o naufrago descobriu a beleza dos bosques selvagens e das serras vigilantes, assim como a inquietação de uma população assustada, temerosa de sucessivas marés, carregadas de destroços, gente desconhecida e incerteza.

Decidido, ofereceu imediatamente os seus préstimos, prontificando-se a delinear e executar uma obra, capaz de proteger a extensa orla marítima dos caprichos atlânticos.

Com a aprovação dos soberanos locais, o plano ganhou força e a empreitada arrancou. Arraúl liderava no terreno, inspirando a multidão ao trabalho, assente em objetivos faseados e integrado na dinâmica ambiental.

Dos cerros circundantes removeram-se terras e areias, dando forma a um vasto cordão dunar, estendido sob a forma de duas penínsulas e cinco ilhas, ao longo de quase sessenta quilómetros. No interior da laguna, passaram a abundar lugares de sapal, bancos de areia, salinas, lagoas de água doce e salobra, terras agrícolas, mata, floresta e portos seguros, onde qualquer



embarcação podia descansar.

No contexto daquela latitude, o habitat florescente não tardou a despertar o interesse das espécies. Os cavalos-marinhos, disciplinados e ordeiros, tomaram a dianteira, seguidos de perto pelas afamadas galinhas sultanas. Ao longe, avistavam-se os diplomáticos golfinhos e as tropas do real caranguejo: estavam a caminho. Em terra, já os cães-de-água festejavam, saltitando alegres, na infantilidade de diabruras e travessuras. Do alto, coincidiam cegonhas, patos-reais e garças brancas, timoneiros de boas escalas e rotas migratórias.

Em pouco tempo, a miragem prometida por Arraúl converteu-se em certeza. No todo, um ecossistema fértil em formas de vida, temperado pela dinâmica marítima e pela sustentabilidade da presença humana. Do esforço coletivo nasceu a Ria Formosa e com ela a beleza, a abundância, a proteção e o sustento inundaram a região.

Rendidos à dimensão da proeza, os reis quiseram recompensa-lo. Decidiram assim concertar-se para oferecer ao jovem uma porção de terra à beira-mar, sobre a qual pudesse erguer domínios, reunir compatriotas e desfrutar dos proveitos de uma criação, cujo espírito obreiro era particularmente seu.

Arraúl não sabia especialmente de administração de territórios, protocolo de Estado ou análise económica; na verdade, não sabia nada dessas coisas de governar. Mas no seu íntimo estava o profundo desejo de dar o melhor de si, corresponder às necessidades e, munido de bom senso, fazer prevalecer a paz e a justiça.

Ancorado na faixa costeira meridional, o reino de Marim constava de um território remoto, limitado por fronteiras mal definidas e população dispersa pelos pontos cardeais. Neste trecho litoral não havia grandes centros urbanos. Dominava um vasto pinhal de copas altas e profusa vegetação, cuja densidade



só cedia já bem perto da praia. Aí aglomeravam-se os mais apaixonados pelo mar, dando forma a um pequeno povoado, lar de gente simples e conversadora.

Numa terra onde faltavam infraestruturas básicas e riqueza para as realizar, Arraúl sonhava com um Estado literário. Pensadores, intelectuais, filósofos e homens de letras tinham por tradição recolher a estas paragens, menos turbulentas, buscando fôlego para a inspiração, criatividade e liberdade intelectual. Com eles traziam o pensamento esclarecido, assim como os ideais humanistas que tanto o encantavam.

O governante antecipava a submissão do poder e dos seus titulares a um processo educativo forte, onde a liberdade de expressão, o sentido de justiça, a prevalência do interesse coletivo sobre o individual e a conceção universal daquilo que é certo ou errado fossem inculcados e trabalhados desde tenra idade.

Focado na formação integral do indivíduo, aspirava este projeto a um compromisso, onde democracia e meritocracia confluíam na escolha daqueles cuja competência, vocação e altruísmo seriam decisivos na definição do futuro de toda uma sociedade.

Mas Marim não era apenas um desígnio de ideias, aspirações ou utopias.

No verão, os longos fins de dia davam luz aos pátios, preenchidos por saraus recreativos, duelos de poesia e encontros de narradores. As raparigas solteiras colhiam flores silvestres e teciam-nas em lindos colares, com os quais cortejavam os rapazes, ávidos de se evidenciarem na declamação de trovas ou versos à desgarrada.

No rescaldo do tempo quente, o Outono chegava anunciado pelo minguar dos dias, trazendo algum sossego à vontade de viver lá fora. Mesmo sem o fulgor estival, festejavam-se as colheitas: vinha, milho e, mais tarde, a azeitona;



e logo começavam os preparativos para um novo ciclo agrícola. Entretidas nas escarpelas, as mulheres cantavam dos quintais para a Ria, animando quem aí fazia vida.

Era já Inverno, quando os primeiros ventos começavam a fustigar o pinhal. No cais, os recém-chegados traziam sustento, mas também estórias de aventureiros destemidos e paragens distantes. Nessa estação, as festas ao ar livre davam lugar aos encontros à lareira. No calor do convívio sorviam-se tragos de vinho quente e guardava-se lugar para quem se associava depois. Assim mandava a tradição, trocar as voltas ao frio no aconchego do serão.

Arraúl e Leia esperaram pela Primavera para casar. Por essa altura a ria renovava-se e a fauna vestia-se de gala para acolher as aves nidificantes e despedir-se das invernantes. Mudança, renovação, esperança, o signo de uma nova época, espelhado na alegria do regresso aos dias de sol.

Todos foram convidados e o banquete durou semanas. Na praia estenderam-se mesas e bancos corridos; poucos ficavam sentados. O espírito da ocasião desafiava a danças, brindes, felicidades e à partilha de abundantes desejos.

Mas esta ideia de realização bucólica, onde a felicidade se constrói a partir da simplicidade das pequenas coisas, tinha os seus inimigos...









Capítulo II

◉ MAL ENTRE NÓS

Num lugar distante, onde as neves são eternas e o gelo persistente, estavam enclausurados Tristeza, Amargura, Ira, Medo, Discórdia e Desânimo, sinistros senhores do lado escuro.

Quando Zeus e os seus Olímpicos derrotaram Cronos e estabeleceram o Universo, tal como o conhecemos, as sombras foram despojadas do poder e exiladas para longe do último lugar onde o seu nome fosse conhecido; sentenciadas e relegadas às profundezas de um templo inóspito de onde jamais deveriam sair.

Um dia, porém, a monotonia dos séculos foi perturbada pelo inesperado.



Os estranhos vinham de longe. Carregavam consigo a altivez dos gananciosos e muitos poucos escrúpulos. Eram homens com estatuto, sedentos de poder e incumbidos de uma missão bem definida: aliar-se ao poder do submundo para destruir de Arraúl e reclamar todo o poder e influência no reino.

Os nebulosos arregalaram-se efusivamente perante a generosidade de tão ingênua oferta. Os pesadelos de um novo império de maldade estavam a ponto de se concretizar. Quando os insensatos humanos quebraram o selo sagrado, tremeluziu no firmamento um triste presságio. Tinha chegado, por fim, a hora de retaliar.

Em Marim, a outrora felicidade primaveril do casal reinante desvanecia-se sob o peso de um fardo insuportável.

Angustiados pela ausência de geração, recorreram aos melhores científicos e a sábios de incontestada reputação. Na ausência de respostas, convocaram curandeiros; em desespero de causa, cederam aos logros de bruxos de má fama; tudo em vão. A Amargura tomou conta do espírito da rainha e não muito tempo depois, chegou o Desânimo.

Quando Arraúl se apercebeu da presença das trevas já era tarde demais. Cego pelo drama pessoal, o governante dera acoito a oportunistas, fingidos, impostores e trapaceiros, agora infiltrados no íntimo das instituições e nos principais centros de influência.

Num ápice, os demagogos tornaram-se figuras dominantes, impondo uma retórica de ódio e perseguição, alimentando a política do Medo e da Discórdia.

Fosse pelo receio, pela vergonha ou pela incapacidade de lidar com a mesquinhez dos cães de fila, as pessoas começaram a fechar-se, a repudiar o vizinho, a ficar em casa, a não ter opinião, a alhear-se do mundo em redor.



Alienado, sozinho, isolado, o povo foi humilhado, subjugado e, por fim, transformado em fria rocha calcária.

Arraúl tentou negociar; era filho da Atlântida, súbdito do velho Atlas; sem efeito. Inconformado, dispôs-se a lutar, procurando fiéis aliados para enfrentar a escuridão. Um punhado sobrava para comparecer à chamada.

Nas praias, agora cobertas de chumbo, as trevas desembarcavam em falanges numerosas. Vinham tomar o reino e nele estabelecer princípios de novas conquistas.

Ignorando a desproporção de forças, o rei apresentou as tropas. Um exercício de ilusão, por onde o Medo já se infiltrara; corria nas veias e aprisionava corações.

Quando os invasores carregaram instalou-se o pânico. Uns agonizaram em rocha; outros sucumbiram na debandada. Isolado na cara do caos, o atlante fugiu, embrenhando-se no arvoredo.

De fileiras cerradas, a pé e a cavalo, os caçadores colocaram-se no encalço do jovem soberano.

No seio da floresta, a vegetação silvestre abafava o ruído e complicava a marcha, facilitando a evasão do foragido. Sem olhar para trás, evitando armadilhas e barricadas, Arraúl conseguiu iludir os mais diretos perseguidores, despistando-os no trilho da montanha.

Dominando a paisagem da região, destacava-se na cordilheira a norte um prodígio calcário, o monte Zéfiro, assim famoso por sobre ele dominar o Deus do Vento do Oeste.



Lá em cima, o senhor ventoso vigiava com autoridade os sobreiros, azinheiras e alfarrobeiras das terras interiores, herdades onde se apascentavam os seus rebanhos. Arraúl era um velho conhecido, uma amizade dos tempos em que o rapaz calcorreava os ombros do gigante, correndo os trilhos pedregosos em redor do cume. A divindade apreciava o carácter deste visitante e tinha por ele grande estima.

Desta vez, porém, o amigo chegava cambaleante, vergado por golpes traiçoeiros, peso no corpo e contusões na alma.

O Vento tremeu perante o sucedido. Estava ao corrente das antigas crónicas, sabia como Zeus tinha derrotado os titãs e encerrado os obscuros nos confins do mundo, mas não podia imaginar um regresso.

Ciente do perigo, Zéfiro instou Arraúl a procurar auxílio no Olimpo, uma viagem para oriente, rumo ao coração do Mediterrâneo e ao encontro dos Deuses.

Pese o ardente desejo de resgatar a mulher, libertar o reino e afastar as forças do mal, o atlante mostrava-se refém de um orgulho antigo. Zeus era líder de uma seita de assassinos, não tinha ilusões. Testemunhara a crueldade e da injustiça ou como mãos divinas se podem cobrir de sangue inocente. Empreender tão árdua viagem seria difícil. Mendigar ajuda a tão reles Ser, fora de questão.

Enquanto remoía ressentimentos, o ódio e orancor alimentava a fornalha de um exército maligno e poderoso. Era apenas uma questão de tempo até que Tristeza, Amargura, Ira, Medo, Discórdia e Desânimo suplantassem fronteiras e conseguissem alargar o seu reino de terror. Depois de engolir Marim, o retorno do vil prenúncio representava um perigo para todo o Universo.



A razão ou o coração? Martelavam incessantes dúvidas e muito poucas certezas. Não é fácil acatar o peso da responsabilidade ou pagar a fatura da frustração. É duro lidar com o turbilhão de emoções ou deixar antigas feridas cicatrizar. Mas talvez pior seja tomar a decisão de encarar, engolir mágoas, predispor-se a perdoar...

No limiar da hesitação, Zéfiro envolveu-o, para partilhar uma estória tão antiga quanto o próprio existir. Quando Gaia e Urano criaram o mundo, estabeleceram um equilíbrio perfeito: a noite e o dia; o frio e o calor; o perto e o longe; a tempestade e a bonança; a baixa e a preia-mar; uma estabilidade cujo garante seriam os filhos titãs. Por isso, por cada sombra, os Criadores Primordiais geraram também um globo de luz: a Alegria, a Esperança, o Respeito, a Coragem, a Amizade e a Determinação.

As esferas representavam os elementos mais puros do universo e o seu poder reunido tema de lendas. Chegaria a cada um dos pontos celestiais? Não sem antes ser posto à prova: geografias incomensuráveis, desafios avassaladores, tormentas perfeitas, logros traiçoeiros, hesitações vorazes, imponderáveis matreiros, pessimismos reinantes e um íntimo tão negro quanto a queimada da qual fugia. Na verdade, as sombras não desistiriam de o perseguir. Já soavar o troar dos pérfidos lacaios. Não havia outro tempo. Só lhe restava partir.







Capítulo III

Uma CENTELHA de ESPERANÇA

Arrastando a rudimentar jangada para a Ria, o aventureiro partiu a coberto da noite, abençoado pelo sopro da brisa sagrada. Um conforto assomou-se ao peito. Na parda penumbra noturna, viu a Esperança flutuar sobre o mastro da embarcação. Parecia uma luz delicada, ténue, frágil, mas ainda assim persistente e reconfortante.

Sem perturbar o espelho de água, escapou pela barra e rumou à foz oriental, alguns milhas leste do termo poente da Ria Formosa.

Aninhada na margem esquerda, Anapote nascia da imponente fortaleza, escorrendo casario pela vertigem da encosta, até à solene corrente do grande



rio. A capital dos Esuri era uma localidade irrequieta, acolhedora, fraterna; animada pelos comércios, pela indústria e pelo original falar das gentes.

Quando se abeirou da doca, aguardava-o uma multidão de curiosos, visivelmente desassossegados pelo eclodir da poderosa ameaça. Norteados por Zéfiro, tinham já iniciado procedimentos cautelares, mobilizando tropas, estabelecendo perímetros defensivos, organizando rondas de patrulha; as respostas possíveis face a um inimigo desconhecido, incerto e impiedoso.

Consciente da dificuldade daquela enorme jornada, o povo reuniu os melhores recursos, preparando-lhe uma embarcação mais robusta, mantimentos em quantidade, vestuário confortável, cantis de água potável e instrumentos de navegação.

Honrando o carácter daquelas pessoas, a esfera da amizade residia na cidade há muitas gerações: alimentando empatias, aquecendo corações, iluminando razões; proporcionando prosperidade e paz social.

Agora, tinha chegado o momento de o destinar a um fim maior. Nas mãos corretas, no lugar indicado, concentrando a força e o espírito de todos, podia ser, realmente, decisivo.

Naquele particular momento de dificuldade, os Esuri escolheram confiar ao audaz o seu bem mais preciso. Apesar de estrangeiro, era parte da comunidade, um amigo verdadeiro por quem valia a pena lutar.

Arraúl agradeceu, sentido. Partilharam-se algumas pavras. Recordaram-se tempos felizes e o valor do trabalho em equipa. Ninguém esquecia como o companheirismo e a entreatajuda tinham erguido a Ria Formosa ou as marismas Cristinas, que a sul defendem Anapote da ira do Atlântico.



A bordo do «Casagrande», o viajante seguiu o golfo, sempre com terra à vista. Por ali, o pinheiro manso sobressaía na vegetação costeira, marcando a paisagem com cor e olfato. Numa região de escasso povoamento, mandava a vida selvagem; garças, veados, lince, ginetes e ratos de água; mas também seres fantásticos, como os sátiros, as ninfas ou os centauros, encarregues de vigiar os territórios de Gerião e zelar pelo seu gado.

Gerião era um gigante, ser alado de três cabeças e mãos de seis dedos, governante da região de Tartessos e do arquipélago das Hespérides, no limiar das portas do Mediterrâneo.

Quando Héracles o derrotou, apossando-se dos seus melhores bovinos, o monstro insurgiu-se, demandando dos Deuses reparação por tamanha desonra. Hera terá então persuadido os seus pares a condescenderem na reparação, entregando-lhe vastas pastagens e o controlo da passagem entre a África e a Europa.

Outrora eixo incontornável do tráfego marítimo, o estreito estava, por aquela altura, conformado aos caprichos do gigante. Detestava estrangeiros e isso traduzia-se em tributos humilhantes, cuja alternativa tinha feição de sequestro e escravatura.

Arraúl sulcava a ondulação ao sabor dos alísios. Não tinha salvo-conduto, mas esperava iludir o monstro, navegando mais ao largo; longe o suficiente dos olhares matreiros, ocultos na flora autóctone.

Foi já em pleno canal, por entre as brumas de uma manhã sombria, que o colosso revelou a sua presença. Erguendo a desmesurada estatura sobre os bordos rochosos, Gerião confrontou o atlante, exigindo-lhe explicações perante a desfaçatez de tentar atravessar sem consentimento. O navegante sabia estar em maus lençóis. Aquele era um prodígio de tamanho e força,



ao qual nenhum humano podia aspirar fazer frente. Nas mãos severas, uma poderosa maça antecipava o desfecho. Dourada, reluzente; incrustada de diamantes, safiras e outras pedras preciosas; uma simbiose de avareza e poder; infame instrumento subordinado ao desejo das trevas.

- Gigante! – Chamou o aventureiro, enquanto se erguia do interior do convés
– Dizem seres o mais poderoso, inteligente e autoritário senhor do hemisfério ocidental! Comprovo, agora, ser verdade!

- Mortal, fico contente pela forma ordeira como te preparas para aceitar o teu fim! – Regozijou-se a criatura por entre maquiavélicas gargalhadas.

- Seria indigno da minha parte não me curvar perante a tua ostentação, ó eminente titá!

- Repara na robustez, na riqueza, na superioridade da minha arma. Considera-te lisonjeado por ser a última coisa que vês!

- Peço perdão. ó magnânime!

- Perdão!? - Retorquiu o monstro titubeantemente confuso.

- Sim! Falam as crónicas das tuas qualidades enquanto amo superior! Ainda assim, contradizes todas as lisonjas quando, em boa verdade, te contentas com tão pouco! Olha o fundo do mar! Pergunto-me, porque preferirás exhibir modéstia, quando diante ti reluz tão valioso tesouro. Certamente equivoquei-me, pois quem despreza o melhor, não pode ser assim tão importante!

- Como dizes? Ninguém é mais rico, ninguém é mais faustoso, ninguém tem maior fazenda do que eu! – Desconfiado, o gigante olhou para baixo, confirmando uma clava, cujo brilho e dimensões se exibiam exuberantemente



encantadoras.

Ferido no orgulho, Gerião vociferou, entregando a razão à loucura de um colérico acesso de cobiça; largou tudo; nem olhou para trás; estava ali à mão, no leito do profundo azul.

Desorientado, vasculhou todos os recantos do fundo marinho; foi do norte ao sul, do este ao oeste, peregrinou por todos os pontos cardeais, mas nada conseguiu encontrar. A maçã enorme, reluzente, faustosa era apenas uma ilusão, reflexo da absurda e torpe ambição. Tinha sido enganado.

A fúria do ludibriado revoltou as águas e fez estremecer as encostas. Arraúl tentou beneficiar da distração para superar o estreito; a distância era, contudo, demasiado curta para escapar à raiva. Cercado por remoinhos, o barco foi sacudido pelo cachão e arremessado contra os baixios. A força dos estrondos rompeu o casco, rasgou as velas e derrubou os mastros. Os danos eram já demasiado extensos. Dificilmente conseguiria aguentar o rigor dos elementos.

Arraúl agarrou-se àquilo que restava, esperando aguentar-se à tona. Uma luta tão desigual cobra sempre o seu preço. Exausto e à deriva, faltaram-lhe as forças e, logo depois, os sentidos.

O atlante despertou aturdido por um bafo forte e húmido. O Sol ardia quente e penetrante. Tentou proteger-se e semi-descerrar os olhos, prenhes de sal. Que local seria aquele?

A energia de nova erupção trouxe-o à realidade. Estava no dorso de uma baleia!

Aquele cetáceo, de corpo longo e esguio, com quase vinte e cinco metros de comprimento, não era outro senão Tounarouz; o seu anjo da guarda no desastre da Atlântida, voltava a ser providencial.



A baleia-comum já sabia do sucedido. À boca pequena, comentava-se no oceano o triste fado de Marim, o impacto das trevas e a ousadia do soberano, ao arriscar tão arrojada viagem.

Com duas esferas de luz no regaço, Arraúl confessou estar um pouco desconcertado, pois encontrar quatro globos, na imensidão daquele mar interior, seria mais difícil do que procurar por uma agulha num palheiro.

Quando o Mediterrâneo abre portas ao Alborão e as margens se afastam para longe de onde a vista alcança, uma região desponta a sul. É o Rif.

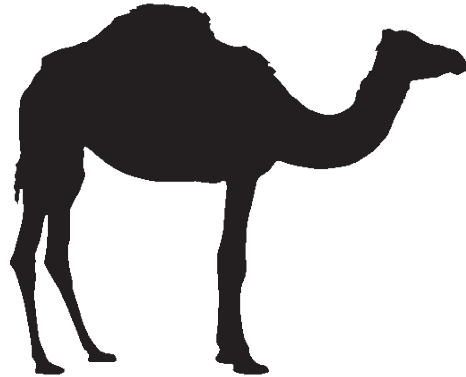
Parcialmente isolados do resto do continente pelas cordilheiras montanhosas e pelo deserto, onde só os mais corajosos ousam entrar, a generalidade dos berberes privilegiava os laços culturais e comerciais com os povos do mediterrâneo oriental, sobretudo das penínsulas Itálica e Balcânica, Anatólia, Levante e Egito. Concordaram: seria uma boa pista para prosseguir jornada.

Com o litoral rochoso à vista, Arraúl e Tounarouz despediram-se, não sem antes receber um apito mágico, talismã sonoro pelo qual permaneceriam sempre próximos, especialmente em momentos de apuro.









Capítulo IV

◉ EXUBERANTE NORTE DE ÁFRICA

Pertencentes a tribos distintas, os habitantes daquela área organizavam-se em formidáveis cidades-estado, rivais em opulência, cor e prosperidade.

Gourbata ostentava com orgulho esse fausto mediterrânico. Urbe exótica, coroada por ilustres tamareiras e guardada por um majestoso amuralhado, o estatuto de rainha do norte de África sentia-se no aroma a fragrâncias raras, no gosto particular dos condimentos, nos comércios de latões e cabedais ou na vivacidade dos ricos trajes de matiz berrante.

Esperançoso, nadou até ao porto, infra-estrutura onde o buliço das cargas e descargas contrastava com a serenidade dos respeitados homens de negócios,



entretidos na nobre arte da argumentação e do regateio

Pelo embarcadouro passava ainda o trânsito de caravanas, oriundas do interior profundo. Comandavam-nas gente diferente, de feições ocultas sob turbantes e mantos largos. Escondiam-se da inveja e queriam apenas comerciar. Só eles controlavam os cobiçados monopólios do ouro, dos diamantes ou do sinistro tráfico escravo.

Ao chegar, Arraúl tinha uma tripla expectativa: encontrar amparo, reabastecer e seguir viagem. Com tempo procuraria informação sobre as esferas celestes. Afinal, precisava persuadir um navegador a embarcá-lo, rumo a leste.

Infelizmente, a cintilante Goubata amargava em carência de afeto, solidariedade e espírito de entreajuda.

O atlante deambulou pelos vários empórios; abordou lojistas, mercadores e vendilhões; não conseguir resposta ou o mínimo de atenção. Aos olhos da moral e dos costumes era um estranho, um forasteiro vencido pela vida, sem posses ou qualquer outro motivo de interesse.

O desconforto do litoral convenceu-o a explorar o âmago cidade, precipitando-se rumo à medina, já para lá das rústicas muralhas cor de tijolo.

Ali, as ruas estreitavam, tornando-se quase labirínticas. No abafo claustrofóbico, sobressaía o cheiro a rosmaninho; um aroma suave, limpo e florido incapaz, porém, de amenizar o carácter da população, sequiosa de semear invejas e prosseguir comentários à vida alheia.

Quem morava dentro de muros pertencia a uma elite privilegiada, especialmente zelosa do seu estatuto e convictamente desdenhosa das classes inferiores. Desconfiados, trataram de instigar os guardas contra o desafortunado,



perseguindo-o com todo o tipo de improperios, ultrajes e arremessos.

Acochado pelas sucessivas investidas, Arraúl fugiu por onde pôde, numa tentativa desarranjada de escapar à crueldade dos soberbos. Às tantas, já não sabia por onde nem por quem estava a ser seguido. Cruzou ruas, atravessou vielas; correu ao desvario; por onde calhasse; sem olhar para trás. Finalmente, um beco deteve-lhe o caminho; sem pernas para mais iniciativa, deixou-se vacilar, caindo por ali sentado...

- Custa muito quando nos tratam com desdém! - Estava ali alguém à espreira; Arraúl ergueu a cabeça; perante si um menino dos seus oito, nove anos; cabelo curto, muito encaracolado; tão escuro quanto o próprio tom de pele; postura desassombrada e olhos grandes; expressivos, penetrantes.

- Quem és tu? - Perguntou, incerto das intenções daquele pequeno fedelho.

- Desculpa! – Emendou o rapaz - Já devia ter-me apresentado! O meu nome é Olhão - afirmou, estendendo a mão ao desconhecido – o mais inteligente e perspicaz de toda a Gourbata!

- Olhão, a humildade nunca ficou mal a ninguém!

- Deixa-te de graças! – Interrompeu, infantilmente indignado pelo bom conselho - Estás sozinho, desamparado...precisas de ajuda, acho eu!

- E és tu a minha ajuda?

- Não sou como os desta cidadezinha! Não gosto injustiças, muito menos de ver alguém maltratado! – Venceu com autoridade de adulto - Anda daí! vou levar-te ao meu sítio! Lá poderás comer e descansar...



Sem saber onde ia, Arraúl acatou o repto, seguindo o encalço do petiz. Extrovertido, confiante, vivaço, mas sem conseguir esconder a meiguice da idade, Olhão parecia ser merecedor de confiança.

Os dois saíram da cidadela e apontaram à parte sudeste do burgo. Bairro de moradias pequenas e confusas, conviviam as edificações numa espécie de amálgama de cubos apinhados ao azar, de onde sobressaiam mirantes, varandas e um intenso odor de peixe a secar. Subiram por um escadote de madeira; saltitaram de terraço em terraço; ao fundo, alcançaram um miradouro desmoronado.

- É onde vivo! – apresentou orgulhoso - vinte e cinco metros quadrados onde cabe toda a minha vida! Ainda por cima com a melhor vista do mundo! – Do local, sobranceiro à urbe, descobria-se o palácio real, os jardins públicos, o mercado, o extenso casario e toda uma paisagem estendida até ao mar.

- Obrigado por me trazeres até aqui! Se não te importares vou sentar-me, estou exausto! – Refastelado, o convidado deixou-se embalar pelo conforto das almofadas; sem dar por isso, adormeceu.

- Vamos acordar! - Um valente golpe de água fria retornou-o à realidade - O Sol já se ergue acima da torre de menagem! Arranjei alguma fruta e pão fresco! - Indicou o anfitrião, apontando para o tapete - Queres chá?

- Salvaste-me a vida! Se não fosses tu estaria provavelmente a apodrecer numa qualquer prisão

- E se devolvesse o favor? – Sugeriu o maroto.

- Como? Não tenho nada para te dar!



- Vi-te junto aos barcos. Daí ter decidido seguir-te. És um viajante, por isso sei que vais conseguir encontrar forma de sair daqui! Leva-me contigo! Não te peço mais nada!

. Mas nem sequer sabes o meu nome!

- É verdade, não sei! Mas acredito em ti!

O atlante contou, então, acerca de como o seu país havia sido enredado na escuridão e dos motivos de tão ousado empreendimento, em busca das esferas da luz e de Zeus. Depois falou-lhe do encontro com o gigante Gerião e da artimanha para o enganar. Não fosse a baleia, à hora certa no local indicado, e muito previsivelmente não estaria ali.

O rapazinho ficou pasmado com tamanha aventura. Afinal, também ele sonhava embarcar numa odisseia. Estava enclausurado naquela cidade, assaltado por muitas questões e quase nenhuma resposta. Quem sabe não tivesse o Deus grego solução para algumas delas.

- Arraúl, preciso de sair de Gourbata!

- Onde queres ir?

- Procurar os meus pais. Durante muito tempo pensei encontra-los aqui, mas não estão, certamente, noutra lugar!

- Tu não és de cá?

- Não! Nem sei bem de onde sou! Foram os traficantes a trazer-me para cá. Vivi com eles no deserto, depois quiseram vender-me. Pretendiam arranjar-me uma família e, à boleia, ganhar algumas coroas. Não concordei. Porque



havam de escolher por mim? Por isso fugi! – suspirou - Queria tanto lembrar-me dos meus pais! Às vezes faço muita força; tento puxar ao máximo pelas ideias e só vejo água. Mas também consigo ouvir. É a voz da minha mãe e do meu pai. Eles estão algures e isso dá-me esperança!

- É isso Olhão! Esperança! - Disse, revelando a pequena luminosa - Temos de ter esperança!

- Que luzinha tão brilhante! Posso tocar? - perguntou. O pequeno ponto luminoso deslizou-lhe por entre as mãos, quase como se fosse magia - És uma pessoa cheia de surpresas!

- Também tenho uma missão! Quero recuperar a minha mulher e libertar o meu reino, por isso, faço minhas, as tuas palavras. Vamos unir esforços e sair daqui!

Os companheiros traçaram um plano. Olhão sugeriu distrair os marítimos e subtrair um barco; Arraúl repreendeu-o imediatamente. Roubar mancha a alma e corrompe o espírito. Seriam dignos; por isso iriam trabalhar até juntarem o suficiente para uma pequena embarcação. Entre os dois, haveriam de reunir o necessário para a viagem.

O miúdo não estava habituado àquela disciplina moral, mas entendeu o recado. Iria cumpri-lo à risca.

Começaram a procurar ofício; no ancoradouro havia sempre muita gente a precisar de mão-de-obra; um arranjinho aqui, um jeitinho acolá, sempre sobraria algum biscate para agarrarem. Além disso, era o melhor sítio. O cais vivia do movimento, das pessoas, do partir e do chegar, do reboiço das notícias. Novidades estavam ali à mão.



A primeira semana foi difícil; a partir da segunda já correu melhor. À medida que os empresários se foram habituando à presença dos dois, estes ganharam novos serviços e logo maior remuneração. Estavam animados.

Num dia igual a tantos outros, o quotidiano foi interrompido de forma abrupta. Soavam ordens para suspender toda e qualquer atividade e juntar as gentes na praça principal. Tinha chegado uma comitiva real. A população ficou em silêncio. Não houve a habitual pompa nem soaram as trombetas. O semblante dos dignatários era sério e o assunto, certamente, grave.

- Povo de Gourbata, o príncipe Akeem, filho do nosso amado rei, está gravemente doente! - Anunciou o principal delegado, na coerência da elegância equestre - Se algum de vós conhece um bom físico, capaz de salvar o herdeiro, por favor avance!

A multidão começou a agitar-se e o murmúrio tomou conta do recinto. Visivelmente impacientes, os representantes voltaram a indagar a povo do alto das suas montadas.

- O estado de saúde do príncipe é muito grave! Sabemos que há aqui gente de negócio, homens com conhecimentos e até visitantes de países estrangeiros! O nosso rei não se esquecerá de recompensar bem quem o puder ajudar!

Os camaradas assistiam ao aparato, anónimos na turba de gente. O catraio já tinha ouvido o suficiente. Não fazia nada ali.

- Espera! – Atalhou o atlante – Temos de salvar o rapaz!

- Estás doido!? Também és médico?! No palácio já têm os melhores doutores, os mais entendidos, os grandes sábios; se eles não conseguem encontrar uma cura, ninguém consegue!



- Está nas nossas mãos contribuir para um final feliz!

- Vais meter-nos em grandes sarilhos! Eles nem sequer merecem a tua ajuda!

- Quanto retribuimos na mesma moeda, somos iguais àqueles que criticamos. Mas não somos, pois não?

Na ausência de respostas, os cavaleiros desistiram, dando meia volta aos equídeos. Estavam prontos para bater os estribos e arrancar. Foi quando alguém se fez notar.

- Meus senhores, eu posso ajudar!

À voz, os mensageiros detiveram-se, dando meia volta para circundar o estranho. Ficaram mal impressionados. Pessoa sem grande aspeto, suja e mal vestida. Procuravam alguém credível; não parecia ser o caso; não tinham paciência para impostores.

- Quem és tu, infeliz? Sabes de medicina?

- A É um vendedor de aldrabices! - Avançou outro dos elementos da comitiva.

- Fazes-nos perder tempo! Fosse outra altura e fazíamos já de ti um exemplo!

- Levem-me ao palácio real! - Vincou, quase num tom de exigência.

Os cavaleiros apertaram o cerco. Subsistia uma dúvida insanável, marcada pelo desprezo de não conseguir ver além da figura do indigente.

- Pensa duas vezes antes de nos tentares enganar!



- O vosso príncipe precisa de auxílio! Caso não seja bem-sucedido, poderão o rei fazer comigo aquilo que bem entenderem!

- Quem é esse pirralho aí ao teu lado? É teu filho?

- Não, meus senhores! Este é o meu fiel aprendiz, a quem confio todas as preparações farmacêuticas!

Os mandantes empurraram-os para a dianteira. Seguiam a pé, sem mordomias ou privilégios. Com o séquito a vigiá-los de perto, enveredaram pela artéria principal, apressando o passo até ao imponente alcácer.

Os pesados portões abriram-se à chegada; de par em par, como se já fossem esperados. O anúncio correrá depressa e os soberanos desesperavam com a condição do jovem infante.

Na sala anterior ao quarto, os mais esclarecidos já tinham desistido da cura. O desfecho era dramático: varíola, um diagnóstico terminal. Perante tanta sapiência, a presença dos estranhos incomodou o ego dos doutores. Não era digno da corte real consentir uma corja de aldrabões.

A verdade é que o rei e a rainha eram pais, e isso predispunha qualquer sacrifício para salvar o filho, incluindo abdicar de velhos preconceitos, prédicas ou superstições.

Arraúl abeirou-se do doente. Estava febril; quase inconsciente; queixava-se de mal-estar generalizado, dor de cabeça persistente, um enorme cansaço e dificuldade em respirar. As aias confirmaram a falta de apetite; já não comia há quatro dias; a fragilidade, evidente. Destapou-o um pouco e observou como as lesões avermelhadas iam além da face, tomando já a extensão do corpo.



Olhão aproximou-se do mestre, mas este deteve-o imediatamente.

- Não te aproximes. O príncipe tem uma doença altamente contagiosa!

- Achas que os sábios têm razão? – Indagou o garoto, acanhado pelo aviso do adulto.

- Deixaram-se iludir é o problema quando nos deixamos levar pelas aparências sem aprofundar a questão! – O petiz parecia concordar. Continuou - As erupções cutâneas e os vários sintomas podiam são compatíveis com varíola. Um olhar mais cuidado revela varicela, uma doença normalmente benigna. Neste caso, porém, evoluiu para algo próximo de uma pneumonia...

- Se é contagiosa, não é perigoso trata-lo?

- Eu tive este mal, mais ou menos com a tua idade, por isso estou protegido.

- Esclareceu - A situação merece reserva, mas com descanso e uma mistura correta, vai ficar bom.

- Onde é que aprendeste isto tudo? Só os grandes homens de ciência sabem medicina!

- Na terra onde nasci, as artes médicas faziam parte do conhecimento comum. Todos sabiam entender sintomas, perceber as causas e produzir os seus próprios medicamentos.

- Espero bem! Senão espera-nos o cadafalso!

- Concentra-te rapaz! – Repreendeu o amigo, em surdina – Encena o teu melhor ar de doutor e vai pedir-lhes estes ingredientes. Não te esqueças! És o meu ilustre aprendiz!



O rapazinho piscou-lhe o olho e abandonou o quarto. Trazia memorizada a lista de produtos indicados, cujo conteúdo passou, prontamente, aos homens de confiança do rei.

Identificado o problema, foi ordenada uma quarentena a toda a corte. Durante duas semanas ninguém teve ordem para abandonar o palácio, nem mesmo o monarca ou o conselho de ministros.

Com a mistela à disposição, distribuiu-a por todos, incluindo pelos mais saudáveis. Aos contagiados, mandou aplicar cânfora sobre as lesões cutâneas; a todos recomendou muito descanso.

Com os seus conhecimentos, Arraúl salvou o príncipe, erradicou a doença e ganhou a admiração do rei.

Ao saberem da boa nova, as pessoas acudiram às imediações palácio. O movimento geral era de alegria e exuberância. No íntimo, todavia, prevalecia a incredulidade, uma máscara conveniente para os sentimentos de culpa e vergonha.

O soberano sabia dessas injustiças e devia penitenciar-se pelo comportamento do povo.

Também ele era responsável. Nunca se preocupara com modos nem princípios, preferindo o tom neutro do juízo e o conforto das aparências. Outrora favorável à xenofobia e a muitas várias formas de discriminação coubera-lhe, finalmente, ver o filho ser salvo por um forasteiro. Essa era uma grande lição, pava a vida.

Com voz grave, mandou chamar o secretário real. Queria mandar proclamar um édito, com efeitos imediatos: “Que nunca mais seja permitido destratar



alguém por ser diferente, por ter outra cor da pele, por ter nascido noutra nação, por ter alguma limitação física ou psicológica ou por possuir alguma característica estranha aos padrões da maioria”.

Ainda tomado pela emoção, abraçou os dois amigos. Queria dar-lhes tudo: mordomias, tesouros, casas, negócios; nada seria demais.

Arraúl agradeceu a generosidade, declinando, educadamente, a avalanche de favores. Lembrou, contudo, o profundo desejo zarpar e prosseguir na demanda.

Os senhores da corte tinham já mandado apetrechar um navio, embarcando as melhores artes, qualidade de apetrechos e preparos suficientes para várias semanas a bordo.

Antes de soltarem amarras, o rei subiu a bordo para uma última despedida. Aos viajantes destinara algo precioso. Longe dos demais, desvendou a luz do Respeito. Um reconhecimento profundo e merecido; uma consideração eterna, um segundo olhar, inabalável, sobre o valor daqueles sagazes.









Capítulo V

CALCORREANDO o LEVANTE

De velas desfraldadas, desenharam uma rota de regresso à Península. Tinham ouvido falar de um promontório sagrado, lugar de um florescera culto a Afrotide, o cabo Acra.

Navegar desafiava. Naquele trecho inicial do mar interior, as correntes defrontam-se, acentuando a contenda entre dois mundos inconciliáveis: de um lado, as superficiais carregam a influência fria do gigante atlântico; em sentido contrário, as submarinas investem para ocidente, conduzindo as águas mediterrânicas, mais quentes e salgadas, até à imensidão do Oceano. Alheio a esta disputa, prevalece sobre a instabilidade das ondas o poderoso Levante, vento, cuja força e má disposição constantes, afastam até os mais



destemidos lobos-do-mar.

Para além das forças da natureza, o norte é ainda dominado por inúmeras ilhas rochosas e extensos recifes de coral, onde os bajuladores cantos das sereias lembram más sortes e histórias de marinheiros arrastados para o abismo.

Arraúl Olhão colocou-se à proa e o companheiro à popa. Céu limpo, condições favoráveis e gaivotas no céu. A falta de comparência do Levante aumentava a ansiedade. Gourbata desaparecia no horizonte, à medida que África ficava para trás e cento e vinte milhas náuticos de mar aberto surgiam na dianteira. Partiam cedo, sulcando na direção estabelecida, ao suave sabor da bonança.

Com a jornada a correr de feição, a embarcação aproximou-se da costa levantina sob a graça do crepúsculo. Ao longe, a ténue luz do dia alumia os contornos da estranha paisagem.

A baixa-mar fazia sobressair os afloramentos rochosos e as chaminés de origem vulcânica. As falésias, cruas e escarpadas, impunham-se como muralhas ciclópicas, com muitos metros de altura, nas quais a violência das vagas escavara formas obscuras.

O barco deteve-se a distância segura. O comandante queria estudar a costa, de modo a contornar os perigos do leito rochoso e a influência das ninfas marinhas, cujas canções ecoavam no firmamento.

Aguardaram a alvorada para abordar o litoral. Arream a vela; a partir dali o caminho fazia-se cautelosamente, a remos, fitando as difíceis colunas rochosas, lidando com a dura oposição da frente marítima, paralela à costa.

Durante a travessia, Arraúl tinha partilhado com o pequeno amigo algumas noções náuticas. Atento e concentrado, o jovem aprendia com facilidade,



demonstrando uma natural aptidão e argúcia para o ofício. Esta destreza era determinante na hora de ler o fundo e antecipar perigos; uma facilidade inaudita, capaz de surpreender o próprio mestre.

Algures entre os rochedos de quartzo cristalino, pedras eruptivas e lavas antigas, o rapaz descortinou um velho cais, abrigado numa pequena enseada de areia negra, habitualmente submersa pela maré.

Perante o olhar, surgia uma paisagem mais inquietante. Uma extensão árida de aspeto lunar, salpicada por lagoas salgadas e formações retorcidas de origem magmática. Cumes e penhascos aguçados, pintados desordeiramente a vermelho ocre; a elegância do Mediterrâneo; um estranho contraste entre o azul do céu e a erosão do promontório ventoso.

Vigiando a desolação, o templo de Afrodite assomava do alto da serra. Amparada pela masculinidade das pesadas colunas dóricas, a construção permanecia severa, decidida a não abandonar o lugar. Talhada a partir da rocha nativa, parecia ignorar a natureza matrimonial e procriadora da divindade à qual estava dedicada, vincando um paradoxo que logo os intrigou.

Sem ceder ao cansaço, os aventureiros enveredaram por um íngreme trilho, até ao topo; exploraram o local de culto e as imediações. Na vizinhança, já do outro lado da montanha, sobressaíam ruínas de um assentamento urbano e construções industriais devolutas. Mais abaixo, um ínfimo número de casas.

- São vocês peregrinos, ó estrangeiros? - Por detrás de uma das pedras, alguém os vigiava. O velho, de cajado, demonstrava um ar duro e austero, muito desconfiado.

- Nós não somos peregrinos! - Respondeu Olhão, quase de forma instintiva.



- Se não são peregrinos, o que vos traz a este ermo? Vêm pelas ágatas?

- Não somos garimpeiros nem traficantes! - Apressou-se a esclarecer Arraúl

- Estamos numa missão e viemos em busca de respostas!

- Respostas? Nem sequer conheço as questões! - Repliou o sardónico ancião.

O atlante contou-lhe das suas origens, da ascensão a rei e da forma como a invasão das sombras precipitara uma série de aventuras e desventuras, cujo capítulo atual, os situava naquele pedaço de terra levantino.

- E eu quero encontrar os meus pais! - Não deixou passar em claro, o mais novo.

O velho afagou as barbas, encostou a bengala e descansou sobre os degraus do templo, convidando-os a fazerem o mesmo.

- Lamento meus caros, mas aqui não vão encontrar peças luminosas nem pistas para os encontrar. Também não há gregos, nem os deuses deles nos visitam. Quanto aos teus pais, meu menino, também não creio saber deles paradeiro...

- Mas nós estamos junto ao templo de Afrodite! Pertence ao panteão

- Para um atlante, surpreende-me o teu interesse pelos gregos! Crês na sua misericórdia?

- Bem... - retorquiu algo titubeante - Eles dizem-me respeito e são causa de ter empreendido esta epopeia! Durante muitos anos desprezei esse povo oriental. Com Zeus à cabeça! Não me esqueço têm nas mãos o sangue da minha família!. Porém, estes acontecimentos recentes deram-me algum



discernimento. Na posse das esferas de luz, vou poder abordar Zeus e saber porquê da destruição e do sofrimento de tantos inocentes! - O decano soltou uma gargalhada.

- Zeus receber-te... onde? Nos aposentos do monte Olimpo? Claro, um atlante que escapou à ordem de destruição não podia aspirar a outra coisa! – Agora sim, estava muito irritado - Deixem-me contar-vos uma história. Vêm toda esta extensa área em nosso redor? Foi a pátria de Perses, eminente titã, filho de Crio, o organizador dos ciclos estelares e de Euríbia, neto pela parte do pai de Gaia e Urano, os construtores do mundo terreno e dos céus que o abarcam. Quando era criança, os mais antigos diziam que Perses, com o corpo coberto de rochas, chamas e lava, inspirava temor! Uma figura aterradora, é certo, mas também benevolente! Aos obedientes nunca faltou trabalho, fosse nas salinas ou na extração de minério. Um esforço recompensado com sustento! Um dia, tudo mudou! Zeus reuniu os irmãos e revoltou-se contra a ordem estabelecida pelos seres primordiais. Os titãs, tentando defender o seu, formaram a titanomaquia e, claro, Perses tomou partido do pai! Foi perante esta montanha, no mar pedregoso à vossa frente, que se desenrolou a batalha final.

- E o gigante foi derrotado! – Antecipou o garoto

- O grego derrotou Perses e enviou-o para o Tártaro, assim como todos aqueles que permaneceram fiéis à antiga ordem. A vitória dos Olímpicos foi trágica para o povo. Contudo, a esperança ressurgiu quando Atlas escapou ao tormento e fundou a Atlântida, uma nação imensa em grandeza e conhecimento! – Reforçou orgulhoso, enfatizando o timbre de voz estridente - Essa gente ajudou-nos a reerguer e a sonhar com um futuro! Quando vim ao mundo, a Atlântida já era o nosso maior parceiro e aliado. Exploravam o sal, a energia do vento e as minas de ágata. Em troca, compensavam-nos, fornecendo apoio tecnológico para combater o défice hídrico, a pouca profundidade dos solos,



a acelerada erosão e a elevada salinidade. Com a ajuda dos atlantes pudemos sentir verdadeiro progresso e bem-estar. Fomos felizes!

- Sinto-me honrado por teres tão grande consideração pelos meus! - reconheceu Arraúl.

- És um traidor! Renegas os teus em busca do porta-voz da desgraça! – Ergueu-se, irado pelo politicamente correto - A Atlântida era uma potência! Tinha legítimas aspirações a estender os seus domínios, a sua influência! Alistei-me nesse magnífico exército e juntos obtivemos grandes vitórias!

- Alguma vez deixaram de olhar para o umbigo? – Atirou, mais uma vez ,o miúdo.

- O que sabes tu desse tempo, rapazinhoo? Eramos formidáveis! Certo dia, confrontámo-nos com as cidades gregas, e em particular com Atenas. Os atlantes queriam estabelecer uma nova hegemonia. Todos queríamos. Todavia, os helenos apelaram aos deuses e estes acudiram para disputar uma guerra entre humanos. O nosso exército era forte, organizado e conhecedor de avançadas táticas militares! Incapaz, todavia, de subjugar deuses! A intervenção de Zeus desequilibrou a balança; de forma criminoso, matou milhares, incluindo a tua família, Arraúl. Por isso és traidor!

- Mesmo assim o vosso povo ergueu este templo! - Voltou a interromper o noviço.

- Quando a Atlântida desapareceu, as pessoas daqui correram à procura de se submeter às novas divindades. Depois chegaram os colonos do Egeu, sôfregos de pilhar os nossos recursos. Mas houve quem resistisse. Nós sabíamos conviver com a escassez, os forasteiros não. Vergados pela incapacidade, os recém-chegados ergueram este santuário a Afrodite, na esperança de abundância e



prosperidade. Puro engano. Aqueles que adoravam abandonaram-nos à sua sorte!

- O que aconteceu?

- Acabaram por partir, deixando para trás tudo ao redor. Não tenham ilusões! Abandonem esse plano idiota de uma vez por todas! - Concluiu, com o tom paternalista de quem pensa já ter convencido os outros acerca da razão do seu partido.

- Velho, compreendemos as mágoas e a dor pela qual passaste, mas esta é uma odisseia da qual não podemos desistir. O meu mundo, o meu povo, a minha nova terra, dependem de mim. Se não conseguir reunir a luz e persuadir Zeus a combater as forças do mal, todos, incluindo a minha mulher, os meus amigos ou os reinos vizinhos, estaremos perdidos! Nesta busca, tenho também uma dívida de gratidão a saldar com o meu companheiro de viagem. Esse sentimento de amizade é mais forte do que o ressentimento, pois a possibilidade de poder fazer a diferença na vida daqueles que gosto dá-me força para enfrentar qualquer desafio!

- Aceito as tuas convicções! - Reconheceu o deão, serenando o ímpeto. Embora custasse, reconhecia à grandeza de caráter - Ainda que não concorde com o propósito da tua viagem, desejo-te sorte! Sigam a costa para leste. Após alguns dias terão diante vós uma grande cidade mercantil, Alacante. Por lá vão encontrar gente de todas as línguas, raças e costumes... talvez seja um bom caminho!

Trocadas saudações, os audazes recolheram à embarcação. Dobraram o cabo e, mantendo terra à vista, seguiram a rota, sempre escudados pelo litoral. As condições mantinham-se favoráveis, embora o sentido da viagem contrariasse a frente de norte, refreando o compasso da navegação.



A rota entre o cabo Acra e Alacante acompanha o centro meridional da Península Ibérica, região de praias lindíssimas e enseadas seguras, onde se acoitam pitorescos povoados piscatórios de gente alegre, garrida e trabalhadora.

Foi nessa costa que Arraúl e Olhão descobriram o Mar Menor, uma enorme laguna natural, de extraordinária beleza, elevado teor de sal, águas cristalinas e escassa fundura. Decidiram permanecer algum tempo, aproveitando o argumento geográfico para descansar, tratar de alguma manutenção e quiçá pernoitar.

A elevada concentração salina divertiu particularmente a criança, pois o nível de fluutuabilidade, bastante superior ao normal, propiciava muitas brincadeiras.

Para o adulto, ecoava no pensamento uma reminiscência da Ria Formosa, pois tal como esta, o Mar Menor é defendido por uma muralha marítima, intercalada por vasos comunicantes, cuja troca de fluxos permite a oxigenação daquele porto seguro.

Olhão era um menino bastante curioso, sempre interessado em aprender, procurar novidades e fomentar descobertas. Fustigado por um vendaval de questões, o mais velho tentava esclarecê-lo da melhor forma, ainda que quase tudo fosse, também, novidade para si. Refastelado no convés, o rapaz esquadrihava atentamente o firmamento, tentando quase abstratamente, descortinar os mistérios do Universo.

- Arraúl, alguma vez contaste todas as estrelas que existem no Céu? Há uma que parece brilhar mais do que as outras!

- É a estrela do Norte, da constelação Ursa Menor! Sabes, o número de estrelas, ou a sua posição, varia conforme o local de onde as observas. Não a estrela do Norte, pois essa é uma estrela guia. Nunca muda de lugar!



- Uma estrela guia?

- Se nos afastássemos da costa, se estivéssemos perdidos à noite, sem nenhum ponto de referência, podíamos sempre contar com ela para reencontrar o caminho.

- E se nos perdêssemos de dia?

- Desde que o tempo esteja descoberto é fácil! O sol marca sempre dois pontos cardeais, pois ergue-se a leste e adormece a oeste. Se te voltares a nascente, o sul fica à tua direita e o norte à esquerda.

- Incrível! Sabes tanta coisa! Os teus filhos têm muita sorte

- Eu não tenho filhos - Sacudiu, desinteressando-se da toada da conversa.

- Não tens filhos? Impossível! Todos os adultos têm filhos! - Impingiu, sentindo defender uma certeza universal - Porque não havias de ter filhos?

- Sabes... - rematou - em boa verdade essa é a origem de toda esta balbúrdia!

- Não querias os teus filhos? - Insistiu o garoto, cada vez mais confuso.

- Vamos deixar esta conversa. Não nos leva a lado nenhum. A prioridade é descansar e concentrar energias no que aí vem!

- Promete-me que vais ajudar-me a encontrar os meus pais!

- Eu assumi esse compromisso contigo! Não deixarei de cumprir a minha palavra!



- Se calhar vais encontrar também os teus filhos! - Acrescentou, na esperança de animar o amigo.

- Olhão, vê se entendes, eu não tenho filhos! - Reiterou com a contundência de quem pretende arrumar imediata e definitivamente o assunto - E também não pretendo arranjar de outros! - A súbita má disposição amedrontou a criança, que sem compreender muito bem o sentido a tomar, acabou por concordar.

- Tens razão eu também não queria ter pais que não fossem verdadeiros

Sem ninguém insistir no assunto, a conversa acabou por se desvanecer, sossegada pela tranquilidade das horas noturnas. Em breve estariam de novo a velejar.

Sem grandes sobressaltos, os mareantes atingiram a irrequieta cidade-estado de Alacante, cuja velha acrópole se fortificara, havia muitos séculos, na escarpa íngreme do benacante.

Se a cidadela reluzia imponente, à altura dos seus quinhentos e cinquenta e cinco pés, a verdadeira alma do lugar fervilhava no embarcadouro cosmopolita, sítio onde se cruzavam negociantes africanos de todas as cores e estaturas, pastores iberos da meseta, senadores itálicos, bandidos insulares, celtas e outros bárbaros pálidos das terras do norte, mercadores fenícios, assírios, egípcios ou de outros lugares menos conhecidos do próximo oriente e até exploradores gregos, para quem a cidade era paragem obrigatória no exótico e desconhecido ocidente.

- Isto é uma babilónia de línguas! – Exclamou o atlante, ao atracarem.

Com o barco bem seguro e já desembarcados, abeirou-se deles um funcionário de modos solenes. Trabalhava na Alfândega, instituição cuja proeminência a



fazia sobressair sobre o conjunto portuário. Aquela era a sede administrativa; onde se realizavam câmbios, pagavam taxas, legislavam tarifas ou registavam migrantes

- Meu senhor, novo na cidade?

- Sim... - confirmou Arraúl, não muito confiante no benefício da resposta
- acabámos de chegar.

- Pavilhão africano! Já tratou dos procedimentos obrigatórios?

- Como lhe disse, acabámos de chegar! Além do mais, é a primeira vez que cá estamos...

- Devo então colocá-lo ao corrente da legislação! A política do nosso governo é de abertura e tolerância. Admitimos liberdade de culto e não discriminamos estrangeiros, seja em função da origem, da cor da pele ou da etnia. Todavia, o registo da vossa chegada, tempo de permanência e intentos é obrigatório!

- Como podemos tratar dessa burocracia?

- Preparem as vossas identificações, eu acompanho-vos até ao edifício onde se encontram os profissionais competentes! - Prontificou-se imediatamente o fiscal, sem nunca perder a compostura e o tom de discurso telegráfico.

Já no interior da construção de piso térreo, foram encaminhados para um gabinete insalubre «balcão de regulamentação administrativa externa», onde os aguardava, matreiro, um causídico de anafada presunção.

- Greix Soler, eminente jurista ao vosso dispor! – Evidenciou-se, na necessidade de compensar o desprestigiante local de trabalho com um +pouco de lustro



à posição social.

- Nós

- Pretendem estabelecer-se em Alacant! – interrompeu, na ânsia de impingir uma conveniente resposta – Excelente escolha! É claro, algumas formalidades têm subido de preço... sabem. a inflação, os indexantes bem, é o mercado a funcionar!

- A verdade é que não somos migrantes estamos de passagem e queremos apenas tratar do indispensável!

- Uhhh... – refletiu o cobiçoso, não querendo deixar escapar a oportunidade de reforçar o pecúlio pessoal - investimentos imobiliários são uma boa opção para não residentes. Tenho parceria numa sociedade construtora. Temos umas moradias muito jeitosas, num sítio onde ninguém pode construir! Salvo nós, claro – emendou de imediato - nós podemos construir!

- Lamento imenso! Estamos mesmo – venceu - apenas de passagem!

- Assim sendo, registos administrativos de entrada e saída. Carimbos, reconhecimento de assinaturas, consulta de jurisprudência... mil seiscentos e trinta e sete com cinquenta e três pifarretes.

- Isso é uma fortuna! - Exclamaram, quase dando um salto do assento.

- Será positivo regularizarem a vossa situação. Foi-me concedido o exclusivo no licenciamento, portanto o governador tem total confiança e aprecia o meu mérito nestas questões mais digamos assim... legais! Quando algo não corre bem – Ameaçou sorratamente, sem nunca desmanchar a desleal simpatia.



- Não é dinheiro, mas temos algumas jóias

- Servem perfeitamente! – Retorquiu, apertando os olhinhos manhosos de satisfação - Até me convém. Não preciso de declarar aos tipos da fazenda! Se preferir deixar hipoteca da nau, estamos confortáveis. Sabem, agora sou também sócio da concessão da marinha mercante!

- Não queremos deixar nada por liquidar!

- Muito bem! Deixem-me tratar de colocar o aval na papelada e volto já!

- Não gosto deste tipo! - Deixou escapar Olhão enquanto o homem se afastava.

- Sei bem! Dei acoito a muitos destes! – Devolveu o amigo algo amargo – Sempre com os seus jeitinhos, os seus pareceres, as suas ufanas prédicas, a sua constante presença nos corredores do poder... amarram-se como lapas. Ganham eles, perdemos todos..

- Ora aqui têm! - Anunciou Greix, regressando a passos tão largos quanto o excesso de gordura o permitia - Há algo mais pelo qual queiram pagar? – Sugeriu, regressando ao estilo de vigarista.

- Procuramos lugares de culto, particularmente gregos ´

O rasteiro revirou os olhos. Afinal, não tinha interesse algum em colaborar numa empreitada pela qual não pudesse cobrar. Pareceu por bem despachá-los.

- Não sei daquilo que procuram! Lá em cima, na acrópole, há um templo consagrado a Hércules onde se deitam também sortes a Usil. Experimentem

- Obrigado pela informação!



- Dispense os agradecimentos, estão a pagar por ela! Não se esqueçam de deixar mais qualquer coisinha para o café! Novas leis

Ainda atordoados pela desfaçatez da obtusa personagem, apressaram-se no caminho escarpado até à fortaleza.

Apesar de os alacantinos não serem especialmente apegados à religião, nutriam pelo semi-deus uma natural predileção, ligada aos furores de bravura e heroísmo do filho de Zeus. O azul e branco listado vestia o culto. Acompanhavam-no os tambores de rufo, os apitos estridentes ou os coros de fiéis esganiçados. Adoração intimamente ligada à robustez física e à prática de entretenimentos lúdicos, eram particularmente fervorosos os ritos de jogo com bola, atividade capaz de despertar o fanatismo entre o mais sóbrio dos crentes.

Usil, por outro lado, originalmente um ídolo itálico associado à veneração do sol, estava pervertido à superstição da fortuna e da boa aventura, sob magistério máximo dos arvorados em seus intérpretes.

- Será que algum destes bruxos conhece a localização das restantes esferas? – Segredou para o parceiro mais novo.

- Não sei - Desabafou, encolhendo os ombros sem grande convicção.

No interior do santuário persistia uma intoxicante neblina de indisfarçável odor nauseabundo. Vários eram os adivinhos, de ambos os géneros, recolhidos nos pequenos compartimentos, uns em transe, outros, provavelmente adormecidos.

Abeiraram-se do primeiro, uma profetisa de origem fenícia e semblante tresloucado; olhos vendados, túnica lustrosa e um intuitivo apetite pelo vil metal.



- Trazes o soldo? – Demandou, sem disfarçar a ganância.
- Trago aqui ágatas! - Disse, exibindo os pequenos quartzos brilhantes, recolhidos no promontório Acra - Conseguirás por elas muito bom preço!
- Sim... preciosas... - Comentou, salivando avareza de sorriso arregalado.
- Agora que já tens o que é teu, preciso de saber o meu destino!
- Usil governa todos os presságios. Sê-lhe fiel e não te faltará amparo. Desrespeita-o e será o teu carrasco!
- Confiamos que Usil nos possa ser favorável!
- Que socorro reclamas?
- Quero saber qual a localização precisa das divinas esferas de luz!
- Questão bizarra de todas ou de alguma delas?
- De todas!

A bruxa puxou várias poções, ingerindo-as quase de uma assentada. Em poucos segundos, a aflição tomou conta da criatura e, logo depois, o transe; balbuciava sons e urros indecifráveis; no auge da loucura, a revelação:

“Se nas Pitiusas encontras candonga no mar

Das Gimnésias receberás o melhor fadar

Mas considera a voz do firmamento



Pois assim sofre o teu coração, cinzento”

- O que lhe aconteceu? Não percebi nada - exclamou, espantado, o rapazinho.

- Um charada e desmaiou! Não sem antes abotoar-se com o nosso dinheiro!

- Constatou.

- Grande impostora!

- Veremos se conseguimos chegar a algum lado!

Com a vidente prostrada pelos efeitos alucinogénios dos elixires, abandonaram o templo e regressaram ao cais.

Queriam prosseguir, mas as condições atmosféricas mudavam. Lufadas de chuva miudinha acorriam a espaços, empurradas pelo sopro de leste. O Levante parecia ter chegado e, assim, escurecido o céu e o reflexo no mar.

Aguardaram um dia, outro e mais outro. Na espera, os aventureiros aprenderam que as ilhas Pítiusas e Gimnésias são dois arquipélagos, o segundo mais oriental, à distância de alguns milhas do promontório Nao.

Apesar de próximas, aqueles territórios insulares suscitavam diversas narrativas de mistério e superstição, associadas ao oculto do denso pinhal. Ninguém queria intrometer-se nos domínios privados do vento Levante; uma aventura de mau agoiro, diziam. Depois pairava o perigo das imprevisíveis criaturas fantásticas e claro, dos piratas.

- Irra, o vento não levanta! - Comentava em voz alta o atlante, visivelmente arreliado.



- Guias a norte, quando avistares as falésias do cabo, tudo a estibordo! - Gesticulava um marítimo de barbicha ruiva e orelha ratada.

- Olho vivo malta, aquilo é bravo - Aconselhava outro, já calejado.

- Há por ali muito ilhote. Mantem-te ao largo e safas-te! – Intrometeu-se um mais velho, seguro do calo de muitos anos de experiência.

O vento amainou. Uma oportunidade para se fazerem ao mar, pese os maus augúrios.

- O Levante ainda não abalou! Não sejam loucos! - Berrava o da barbicha.

- Nem calculam quem os espera! - Carpiu um bêbado.

Não fizeram caso. Amarras recolhidas, largaram para fora da barra, sulcando o mar grisalho.

Comprometidos com a rota estabelecida, velejaram fiéis à linha litoral e depois mar adentro. Soprava uma brisa fria, desagradável, claramente fora de época. Seguiram e assim foi até perderem sinal de terra.

Na solitária travessia, aguardava um vulto, levitando mudo sobre o crescente desassossego das águas. Surpreendente, desconhecida, desconcertante, Euríbia.

- Arraúl, temos problemas! – Gritou o catraio, lutando por tentar sobrepor a voz ao cerrado assobio dos elementos.

- Olhão, pega na ponta dessa corda e amarra-a bem ao pulso! - Gritou do outro lado do convés.



- Já está! Bem segura!

- Aconteça o que acontecer, esta corda vai manter-nos sempre juntos! -
Afiçou o atlante.

O poder daquele inimigo exibia-se na solidão do meio aquático. Euribia, a terrível progenitora do titã Perses, uma das maiores aliadas das sombras, estava no encalço do aventureiro. Subestimara-o ao deixá-lo à mercê da iniquidade do gigante Gerião. Desta vez, porém, não voltaria a deixar créditos por mãos alheias Disfarçada de Levante preparou a cilada. Estava na hora do acerto de contas.

A fúria da divindade atiçou a tempestade, agitando o navio num turbilhão de implacável violência. O assalto, frontal e sem tréguas. A embarcação estremecia, as tábuas rangiam, as cordas esticavam; estavam no limite de todas as forças.

Sacudidos pelo desnorte das vagas, ora se levantavam quase a noventa graus, ora batiam com estrondo no cachão. O rugido do terror abalançou-se, varrendo o convés; mesmo assim incapaz de vergar a determinação dos tripulantes; não iriam ceder.

O leme partiu-se; ficaram à deriva. Nada conseguia conter a impetuosidade dos elementos.

Arraúl lembrou-se então do talismã. A fúria arrancara-o do pescoço. Espreitou; estava ao alcance do pequeno Olhão.

- Vês aquela tábua levantada, junto à amurada...

- Sim, está ali o teu apito!



- Consegue chegar lá?

- Estou a tentar, estou a tentar! – Disse, cerrando os dentes, enquanto se estirava na direção do pequeno objeto.

- Tira-o daí e sopra com toda a força!

- Qual é a tua ideia? É altura de...? – Questionou, baralhado pela sugestão do colega.

- Não penses! Apita e reza que esteja por perto!

Desorientado, Olhão resgatou o amuleto e soprou-o a plenos pulmões. O silvo agudo soou pela anarquia marítima; sem efeito. Voltou a insistir, ainda com mais força.

Quebrando a superfície, uma forma medonha ergueu-se sobre as águas revoltas, projetando-se sobre a crista das ondas para, de um só golpe, derrubar a titã. Incapaz de ripostar, Euríbia foi engolida pela baleia e aprisionada no interior. A tormentosa batalha chegava ao final.

- Uauuuu! – Exclamou o petiz, assombrado por tamanha surpresa.

- Não tenhas medo! É minha amiga!

Aos poucos a intempérie espaireceu e, no céu, o sol voltou a brilhar. Após um mergulho, o gigante aquático voltou à superfície, aninhando-se junto do barco.

- Obrigado Tounarouz, voltaste a salvar-me a vida!



- Vou levar esta divindade perversa para um sítio bem longe, de onde não possa mais voltar!
- Uma baleia falante! – Maravilhou-se o pequeno.
- Arraúl, tens um companheiro de viagem?
- Este menino chama-se Olhão. Conhecemo-nos em Gourbata!
- E agora para onde vão? Precisam de boleia?
- Sei que estamos perto das ilhas Pitiusas. É o nosso próximo destino!
- Boa escolha! Lá vão encontrar boa madeira para repararem o vosso batel.









Capítulo VI

AS ILHAS e OS PIRATAS

A baleia arrastou-os até à praia mais próxima, na ilha de Sitari, a mais pequena e austral do arquipélago, para logo depois se despedir e voltar a desaparecer no vasto Mediterrâneo.

Desembarcados, trataram de procurar alimentos e água fresca. No interior abundavam as cisternas naturais e as moitas de frutos silvestres. Com alguns destroços construíram abrigo e acenderam uma fogueira para manter os animais à distância.

Já a lua ia alta quando Olhão foi, subitamente, acordado do descanso; talvez estivesse a sonhar; soavam-lhe alaridos, festejos, vozes, exageros. Levantou-se



e sem acordar o camarada, esgueirou-se para onde o ruído se tornava cada vez mais perceptível.

Do lado oposto ao do acampamento, passando a linha de dunas e uma estepe de vegetação rasteira, abria-se outra enseada. O menino aproximou-se, sempre oculto pela noite. Na praia, um grupo de homens lamuriava-se em redor do fogo. Afogavam más fortunas em sorvedouros de licor. Linguarejavam e emborcavam mais um trago; amparavam-se. Uns poucos já tinham caído de redondo sobre o areal; outros faziam de tudo para lhes seguir o caminho. No mar, uma majestosa nau vigilante fundeava ainda longe.

- Os Piratas! - Estremeceu em surdina o petiz - Tenho de avisar o Arraúl!

Sem se deixar avistar, o catraio regressou com expedita ligeireza, lançando-se vigorosamente sobre o companheiro.

O atlante acordou estremunhado por tanta aflição. O garoto atropelava palavras desconexas, ofegantes. Tentou acalmá-lo. Breves minutos e conseguiu escutar sobre o bando, o lamurio, o navio de grandes proporções.

Intrigado pelo contexto, o adulto desafiou um regresso ao local da ocorrência.

A coberto da penumbra, rasteiraram até ao limite possível, deixando-se ficar. Paulatinamente, os piratas foram cedendo à pinga e ao cansaço, prostrados naquela imensa enxerga litoral. Depois extinguiram-se as labaredas e o silêncio assentou.

- Estão todos a dormir! O que fazemos?

- Tens alguma ideia? - Retorquiui Arraúl.



- Por acaso até tenho! - Olhão confidenciou o plano; o sócio não tinha grandes certezas, mas acabou por concordar; emboscados, aguardaram os primeiros raios da alvorada.

- Marujos, de pé! Façam guarda de honra ao grande capitão Arraúl! - Surpreendidos pela voz de comando, os bandidos romperam a desorientação, desembainhando armas num impulso frenético.

- Quem são vocês!?! - Clamou, de pronto, um barbudo de brincos amarelados, ainda meio ensonado.

- Vamos acabar com eles! – Guinchava o zarolho desdentado.

- Vamos cortá-los aos bocadinhos! – Exasperava um gordo com tiques de cozinheiro.

- Aguentem os cavalos-marinhos! – Arvorando-se de uma pretensa autoridade, o mais velho aproximou-se. Impunha respeito aos restantes. Tinha brilho de líder mas faltavam-lhe as insígnias - Vamos primeiro conhecer estes estranhos. Tomamos conta deles e arrematamo-los à melhor oferta.

- Por acaso conhecem os feitos do capitão Arraúl? - Continuou, sem perder o tom -Têm perante vós o terror do Atlântico!

- Qual Atlântico? - Lançou para o ar o maneta.

- O grande Oceano exterior, palerma! - Esclareceu alguém do grupo.

- O capitão é o atlante que sobreviveu ao castigo dos Deuses! – Avalizou Olhão.

- Deixem-me rir! Todos sabemos, aliás muito bem, que a Atlântida e os



atlantes já não existem! - A reação do mais experiente foi acompanhada pelo troar das gargalhadas.

Os nativos do antigo Império Oceânico possuíam uma marca distintiva; um fator genético diferenciador dos demais humanos: um sinal de forma triangular, cor rubra gravado à nascença, no limite superior da coluna vertebral. Sem oferecer qualquer comentário, Arraúl folgou a blusa e dando meia volta, comprovou as origens.

Surpreendidos pela imprevisível revelação e sem saber se dar o braço a torcer, os piratas acabaram por afrouxar a agressividade, trocando a chalaceia por uma conversa mais cordial.

- Podemos perguntar o que faz tão ilustre capitão no nosso território?

- Acabámos de derrotar Euribia infelizmente o nosso veleiro não resistiu à ferocidade da batalha...

- Vocês enfrentaram a Deusa da convulsão marítima?! Ninguém se atreveu a levantar âncora durante a grande tempestade de ontem!

- Fomos os únicos sobreviventes!

- Interessante... e o que querem de nós?

- Conhecer-vos e talvez Integrar a vossa tripulação!

- Impossível! - Respondeu de pronto o líder da situação – Pesa sobre o nosso grupo uma enorme crise!

- Se esse capitão é um terrível atlante, ele que nos ajude a derrotar o Cíclope!



- Estás bêbado maneta! - Berrou o anafado – Sabes muito bem quantos se perderam nesse combate!

- E depois? – Desafiou o dos brincos.

- Qual é o vosso problema com esse Cíclope? - Intrometeu-se o fictício comandante, tentando conquistar a confiança dos piratas.

- O nosso capitão foi enfeitiçado e está adormecido! – Respondeu o chefe, esticando o braço na direção do imponente navio - Só a ingestão da lavanda de caule dourado o pode salvar daquele estado!

- O problema é a planta! Só floresce num único local do mundo! – Lamentou o imediato – Na gruta do Ciclope Orgisméno, na ilha de Nura.

- Nura é a mais pequena da Gimnésias - intrometeu-se o vesgo, tentando iludir a escassa inteligência.

- A verdade - continuou outro - é que já tentámos enfrentar o Ciclope. Perdemos muitos camaradas. Recorremos a mercenários, cavaleiros, gladiadores, até a feiticeiros! Foram todos desbaratados pelo monstro.

- É invencível, dizem! – Sussurrou um qualquer medroso.

- Nunca tinha ouvido falar do Ciclope Orgisméno, meu capitão?

- Desconhecia por completo!

- O que é um ciclope? – Indagou o petiz.

- É uma raça de gigantes primordiais de um só olho! Serviam os titãs como



ferreiros, artesãos e construtores. Diz-se que fizeram um pacto com Poseidon. Não interfeririam nos assuntos dos deuses e, em troca, poderiam viver entre os humanos. - Devolveu o parceiro.

- Conta-se que no tempo do rei Áthlios, quando as colheitas falhavam e a fome apertava, alguns ousaram ir até à cova do gigante implorar ajuda. Nesses anos, já longínquos, o gigante era bom e ajudou os necessitados, entregando-lhes algumas moedas de ouro com as quais puderam garantir o sustento das famílias. Quando a notícia se espalhou, o soberano, duvidando da palavra do povo, disfarçou-se de mendigo e dirigiu-se, ele próprio, ao local. Sem desconfiar, a besta entregou-lhe uma porção do tesouro, confessando ter mais, muito mais. Ao ouvir aquelas palavras, o monarca ficou soberbo, determinado a confiscar a riqueza do gigante para seu pessoal proveito. Organizou então um exército, composto por militares de várias nações. A batalha foi dura, contudo o colosso prevaleceu, destruindo o rei e toda a sua trupe. Vitorioso, o ciclope não voltou a perdoar a raça humana, repeso de algum dia a ter ajudado.

- A partir de então, ninguém voltou a entrar na caverna!

- Estou pronto para vos ajudar! – Na verdade, nenhum desafio parecia ser suficientemente grande ou atemorizador para demover Arraúl da sua jornada.

Embarcaram com o bando rumo à Gimnésia maior, reabastecendo antes de abordarem o vilão. O atlante aproveitou a viagem para refletir, matutando sobre a melhor forma de superar o repto. A mente da tripulação estava completamente amarrada ao uso da força. Abordagens, investidas, todo o tipo de estrafegos bélicos; espadas, armadura, elmos, fundas, lanças, ... insistiam.

Arraúl ignorou as sugestões; eram inúteis. Em vez disso, agarrou numa lira.



Os membros do grupo entreolharam-se, sem saber se rir ou barafustar. Estavam perplexos ante tamanha extravagância. Só loucura, porventura inconsciência, podia determinar tão bizarra opção.

Nura ocupava lugar como a mais setentrional daquele conjunto de ilhas mediterrânicas, um território de rara beleza geológica e angras translúcidas, despovoado pela crueldade do tirano.

Pescadores, homens do mar, comerciantes e até piratas; todos a evitavam, preferindo a segurança de travessias mais longas à incerteza de uma rota naus oróxima.

Orgisméno tinha criado pequenos ilhotes; colocado recifes e formas rochosas no leito costeiro; construído um sem número de armadilhas e obstáculos; tudo para aterrorizar os homens e manter os invasores ao largo.

Os tripulantes conheciam bem os contornos daquela insularidade. Lançaram uma lancha e os mais fortes propuseram-se acompanhar o destemido, mas este voltou a declinar um assalto musculado.

Apegou-se então aos remos, deslizando ao sabor da preia-mar, até tocar uma minúscula praia de curtos calhaus cristalinos. Envolto pelo sereno aconchego da tranquilidade, avançou para o interior da ilha, harpejando alguns acordes.

Se os piratas menosprezavam o instrumento de cordas, seria por desconhecerem as suas qualidades e virtudes, introduzidas pelo celeste Orfeu. Filho do Deus Apolo e da musa Calíope, o poeta ganhara fama por interpretar motivos apaziguadores, capazes de acalmar os animais e pacificar os homens.

A música, preciosa espiral sensorial, concretiza o seu engenho através de um profundo desconcerto neuropsicológico, despertando dimensões ocultas



nos hemisférios, com ascendência lateral sobre a afetividade, o domínio de impulsos e o império das emoções.

Segundo a lenda, Orfeu caiu de amores por Eurídice, com quem casou. Por infortúnio, a extraordinária beleza da noiva despertou a cobiça de outros homens. Um deles, Aristeu, desagradado pela recusa, perseguiu-a. Na fuga, Eurídice foi mordida por uma serpente venenosa e faleceu.

Desorientado, Orfeu pegou na lira e desceu até ao mundo inferior, tentando trazê-la de volta. A canção pungente e emocionada convenceu o barqueiro Caronte a levá-lo vivo pelo rio Estige, onde um novo recital adormeceu Cérebro, o cão de três cabeças encarregue de guardas os portões do inferno.

Pelo caminho, a comoção do canto aliviou o tormento dos condenados e despojou os monstros da habitual hostilidade, abrindo caminho para o trono de Hades.

Quando se apercebeu da presença do estranho, o rei dos mortos explodiu em fúria. A emotividade da melodia, todavia, teve força para inverter os maus instintos, amenizando o ser, ao ponto de o fazer verter lágrimas de ferro. Encantada pelo som harmónico do desgosto, Perséfone implorou ao marido por clemência e compaixão.

Sem vontade de admitir exceções, O Deus do submundo acabou por condescender na súplica carente fazendo-a, todavia, depende do cumprimento de uma condição. Até estarem ambos de volta à luz do sol, o poeta não podia voltar a atenção para a sua amada.

Orfeu partiu pelo trilho inclinado, tocando músicas de alegria e celebração, guiando a sombra da amada de volta à vida. Todavia, quando o final do tenebroso túnel estava a vista, caiu na tentação de se certificar da presença de Eurídice. Ao faltar ao



prometido, Hades executou a hipoteca, condenando-o à desgraça de lamentar para sempre tão desgostosa perda.

Arraúl aproximou-se do covil da fera, disposto a não cometer o mesmo erro de Orfeu.

Era noite profunda e o ciclope mantinha-se alerta. Uma composição maravilhosa despertou-lhe a audição; eminente percepção, obra dos deuses. O atlante manteve-se oculto nos rochedos, enquanto dedilhava mais algumas canções; andamentos lentos, com harmonias simples e variações musicais subtis, de efeito relaxante.

O vil ser, inebriado pela melodiosa composição, deixou-se enamorar por ela. Era uma harmonia suave e delicada, cuja raridade parecia fluir, sublime, como artes de poesia. Orgisméno abandonou a ombreira da gruta, ávido de encontrar o criador.

- Donde vens tu, espiral de emoções? Quem és tu trovador? Deus ou natureza? Aparece, não te farei mal! - Bradava aos sete ventos.

Sabendo da matreirice do gigante, Arraúl manteve-se oculto na escuridão campestre.

- Sou eu o poeta, mas sou humano! Como posso saber que não me vais fazer mal?

- Porque haveria?

- Sei que os homens te fizeram sofrer...

- Durante muitos anos ajudei o povo que habitava esta terra. Ajudei-os a



construir as suas casas; a preparar culturas e colheitas; a erguer o seu reino; a sobreviver quando os anos eram maus. Não tardaram, porém, a cobiçar as minhas coisas, sobretudo a minha riqueza. Enviaram malfeitores, bandidos de toda a espécie, armados até aos dentes, para me liquidar. Foram tolos, pois esqueceram que sou filho de Gaia e de Urano e, tal como os deuses e os titãs, imortal! – Embalado pela doçura da melodia, o ciclope contemporizou a fúria, trocando a bruteza pela sinceridade de um lamento.

- Condenaste-te a uma existência solitária, longe de tudo e de todos! - Reparou, enquanto evoluía para uma orquestração mais melancólica.

- Se o mundo é ruim... - Procurou justificar o monstro.

- Compreendo a tua desilusão com a raça humana, mas de que te valem esses maus princípios? Não te vão conduzir a lado nenhum! Nasci na Atlântida e a minha pátria foi submersa pela ira dos Deuses. Passei a odiá-los, mas esse orgulho só trouxe tragédia. Por isso decidi partir e procurar Zeus!

- Pensas encontrar aqui o Deus do Relâmpago?

- Vim ter a esta ilha porque durante a minha viagem descobri a importância de podermos acudir os outros, tal como tu já fizeste um dia!

- Para depois nos traírem? - Reparou o monstro, numa alusão ao passado.

- O problema é tomarmos sempre o todo pela parte. Há gente má, como há pessoas de coração bondoso e espírito aberto. Quando generalizamos, arriscamo-nos a atrair sentimentos nefastos e sermos dominados por eles. Dá uma oportunidade a quem quer ser teu amigo! – Destacou, enfatizando o otimismo com um compasso musical mais vibrante.



- Valerá a pena fazer meus amigos os teus?

- Se puderem conversar, se puderem apresentar as suas opiniões e pontos de vista, sem nada temer, então não tenho dúvidas que poderão ser os teus melhores aliados!

- Vou pensar nessa proposta forasteiro... - Arraúl aproveitou a oportunidade para se revelar, olhando o prodígio com sincera frontalidade.

- Estarei ao largo... caso concordes, aoarece na praia com uma bandeira branca. Assim todos saberão que vens em paz.

Com a anuência do gigante, o aventureiro regressou ao navio, sem cessar o som do feitiço apaziguador. O efeito relaxante das notas musicais cativou, igualmente, os aguerridos salteadores, preparando-os para acolher o projeto de paz.

Conforme esperava, na manhã do dia seguinte, Orgisméno aproximou-se da costa. Arraúl sabia ser altura de conduzir os confrades até ao local do encontro.

Lembrando antecedentes menos auspiciosos, a primeira reação prometia ser hostil. Todavia, o encantamento da lira preveniu confrontos. O sossego sonoro e o subsequente diálogo contribuiram para aproximar os desavindos, favorecendo o despontar de laços baseados em interesses comuns.

O ciclope fascinou-se pelas aventuras do grupo, oferecendo a ilha como refúgio seguro e futura base pirata. Por sua vez, os bandoleiros prometeram contribuir com uma parte dos seus tesouros, jurando defender o novo amigo de qualquer ameaça ou perigo.

Contaram então do estado de saúde do capitão, bem como do desejo de o



salvar. Orgisméno tomou a iniciativa de trazer do esconderijo uma lavanda de caule dourado, cujo efeito conseguiu, finalmente, resgatar o enfeitiçado do sono profundo.

Ao ver-se recuperado daquele maldito bruxedo, o comandante Marcos abraçou os camaradas, agradecendo, individualmente, a dedicação e apreço de todos eles.

Se o sentimento de satisfação dos piratas era grande, sobrepunha-se a este um maior dever de gratidão, impossível de ocultar. Arraúl e Olhão foram trazidos à presença do capitão, cuja surpresa o fez interessar, imediatamente, pela odisseia dos forasteiros.

Oriundo de uma das mais ilustres famílias valencianas, o líder dos salteadores evidenciava uma personalidade extrovertida e exuberante, à qual o sotaque algarviado acrescentava uma cativante faceta de aventureiro exótico.

A paixão era o mar, esse profundo mistério de água salgada, parte indissociável de uma vida excêntrica, destemida e arriscada, da qual nunca ninguém o conseguiria separar.

Procurado em todas as comarcas hispânicas, o bandido brindava à satisfação e aos ideais libertários com goles de orchata e herbero, dando graças à genuína incapacidade de tolerar o primado da Lei. Viesse a boa gastronomia: arròs a banda, fidèua, paella; muitos amigos, euforia e alegria. Desaparecessem os preconceitos, as convenções sociais e, sobretudo, a mesquinhez dos insignificantes; tratada com belas bofetadas no focinho, pois claro; valentes e sublimes; como aquelas fincadas, a preceito, nas ventas de Greix Soler e de outros pretensiosos com aspirações a serem donos de tudo. Raios e coriscos, viesse sim boa gente, melhores conversas e, já agora, uma rodada de copos.



No recato do camarote, os viajantes contaram ao agradecido comandante o princípio da epopeia, as sortes, as frustrações e as expectativas; do achado e do que ainda estava por encontrar.

- Vocês passaram a pena `à minha tripulação!?! Isso é um feito! - Divertia-se, por entre a muita gesticulação.

- Não foi bem enganar... foi uma questão de sobrevivência! - Procurou justificar o rei de Marim.

- Eu gostei muito de ser pirata durante estes dias! – Notou o mais pequeno.

- Gostas da vida de pirata?

- Sim capitão! – Afirmou energicamente - Quando for grande quero ser um de vós! Sulcar mares de peripécias e desalinhos, conhecer terras e povos longínquos, navegar sem âncoras nem amarras, andar à deriva para onde o vento e a maré me quiserem levar!

- Por agora ainda tens esta grande aventura para viver! Cuide bem deste reguila! – Apontou o pirata, deixando evidenciar uma faceta mais paternalista.

- Somos inseparáveis! Seguimos em busca dos pais dele e das órbitas luminosas!

- Assegurou Arraúl.

- Uhm...talvez tenha em minha posse algo útil para o desfecho da vossa jornada!

Recolhemdp ao escritório, retirou do alçapão um minúsculo cofre ornamentado; do interior, uma luz intensa desvendou o segredo. A luz da alegria, durante tantos anos a fortaleza do navio e da tripulação, devia juntar-se ao esforço



daquela demanda, rumo ao encontro dos deuses.

Os companheiros não podiam acreditar no sucedido. Faltava apenas coragem e determinação.

Imbuído de um espírito voluntarioso, o comandante ofereceu os serviços da sua gente para os levar até Ares, praça fortificada no Mediterrâneo provençal.

Com a força do impulso lançado pelo ciclope, o navio arrancou a plena velocidade. Viagem veloz, favorecida pela serenidade marítima. Foi o momento de desfrutar os derradeiros momentos com os valentes do capitão Marcos, o ponto culminante de uma estadia inesquecível.









Capítulo VII

Um COMPANHEIRO INESPERADO

Estavam agora perante Ares, fortificação dedicada ao deus homónimo, o grande e poderoso senhor da guerra; urbe fortificada, defendida por um extenso golfo, onde se abrigava a baía da torre real, um baluarte defensivo quase intransponível.

Temida pela febre militarista, a cidade-estado acumulava o poderio bélico terrestre com uma das mais imponentes frotas navais da região; fama construída nas diversas campanhas de agressão pela conquista das ilhas Sirens e Sardo.

Para evitar problemas com a guarnição de serviço, os companheiros pularam da embarcação ainda muito ao largo, aproximando-se do litoral num pequeno



esquife a remos. Ao contrário dos coloridos domínios do norte de África ou dos buliçosos assentamentos ibéricos, aquele conjunto urbanístico demonstrava uma personalidade mais circunspecta, refletida nos pormenores arquitetónicos dos sisudos edifícios, na atividade ordeira da multidão obediente ou nos rostos empedernidos dos operacionais de infantaria.

Naquela dimensão de concordância urbanística, dominavam os padrões ouro azul-cobalto, orgulhosas cores locais enfatizadas por uma ordem civil quase utópica e pela rigorosa disciplina das convenções heráldicas.

À sombra do monte protetor, as fontes dominavam a grandeza paisagística, conferindo orgulho próprio às diversas praças quadrangulares. Era objetivo proporcionar um enquadramento majestoso aos diversos hotéis, pavilhões, aquartelamentos, galerias, palácios ou teatros, dando-lhes uma projeção superior àquela que já resultava da extraordinária volumetria de construção.

Em perspectiva, a devoção à sumptuosidade arquitetónica alicerçava-se numa política de intimidação, não só enquanto instrumento de intimidação do povo, mas também enquanto medida de força, necessária para fazer vergar os embaixadores de outras potências aos interesses do Estado, designadamente quando se exerciam as mais agressivas formas de diplomacia.

Deambulando pelas diferentes belezas e encantos de Ares, o magnetismo envolvente foi abruptamente interrumpido pelo baque de murros e encontrões, alvoroço não distante e bastante audível.

Para desespero do adulto, o petiz precipitou-se numa correria desenfreada, sem aviso prévio, esgueirando pelas ruas apinhadas de gente, indivíduos demasiado conformados para se arreliares com a ocasião.

Num pequeno largo, adjacente ao palácio das magistraturas, não muito



afastado do tribunal, um sexagenário sucumbia às injúrias físicas e verbais de três fiscais, cujo intuito não era outro senão despojá-lo de dignidade e negar-lhe justiça.

Tremendamente convicto da diferença entre o certo e o errado, a criança não pensou duas vezes; aproveitando o ímpeto da corrida, lançou-se sobre os agressores, abalroando-os com estrondo, ao ponto de derrubar um deles.

- Quem é este pirralho!? - Vociferava o caudilho da guarda, irremediavelmente prostrado na calçada.

- Metam-se com alguém do vosso tamanho! - Desafiou o miúdo.

- Atacamos, chefe? – Perguntaram os outros dois, ainda indecisos na forma de retribuir à surpreendente intervenção.

- Apanhem-no! Vamos dar-lhe uma lição!

- Vocês são um exemplo de coragem! - Ridicularizava, enquanto se esquivava das tentativas frustradas dos homens ruins - Só se metem com miúdos e com velhos!

- Nós somos os defensores da ordem! - Continuava a disparar o cabo da força, demasiado combalido para conseguir ripostar.

- Que crime cometeu este pobre homem?

- Este indivíduo é uma ameaça à nossa cidade!

- De acordo com o alvará 1436934523, elevado a regra máxima pelo estatuto perfeito 4H7M9L23 do digníssimo conselho magno superior das leis e posturas,



implementado pelos senhores de classe privilegiada ao povo cumpridor, tem de ser sumariamente punido! – Entoava um dos oficiais, exercitando a coloquialidade da sua formação balofa.

- Leis injustas não merecem ser respeitadas! – Afrontou o pequeno reguila.

- Blasfemo! – Rugiram em uníssono os legalistas, já desesperados pelas fintas do rapaz.

Chega então Arraúl, esbaforido pelos minutos corridos no rasto do pequeno.

- Olhão! - Repreendeu com autoridade paternal – Que confusão é esta!?

- Veja se tem mão no seu filho! Estão metidos em sérios problemas! Ele e você! - Bufava o comandante, ainda a tentar recompor-se do vexame.

- Papá! - Devolveu o garoto, ávido de pugnar pelo triunfo do bem – Estes patifes estavam a espancar o senhor!

- Se calhar fez algum mal! – Respondeu.

- Não, não! Eu sou um homem pacífico! Não sou um criminoso! - Intrometeu-se a vítima, ainda atónita pelo inesperado salvamento.

- Podemos tentar chegar a um consenso? - Propôs o atlante, tentando mediar o sucedido.

- Não! - clamaram em uníssono os canalhas – O direito positivo tem de prevalecer!

Num gesto rápido, Arraúl desferiu um golpe certo, fazendo-os baquear,



inconscientes.

- Rápido, temos de sair daqui! – Apressou o soberano de Marim.

- Espetacular! Foste mesmo valente! – Admirou o rapaz.

- Foi a pior maneira possível de resolver o assunto! - Corrigiu o maior -
Infelizmente, desta vez, não tínhamos alternativa!

- Venham comigo! - pediu o senhor - Nem sei como vos agradecer! Eu conheço
um atalho para sairmos rapidamente da cidade, sigam-me!

Os gritos do chefe da guarda colocaram os outros postos de vigia em alerta.
Não demorou a soar o alerta. Felizmente, quando a força de intervenção se
colocou no encalço dos foragidos, já estes estavam a salvo, longe, na densidade
da compacta floresta litoral.

Já seguros, os três fugitivos aproveitaram a singela pacatez de um riacho para
repor energias e recuperar a compostura.

- O seu filho é muito corajoso! Se não fosse ele nem sei o que seria de mim!

- Este menino tem um sentido de justiça muito apurado mas não é meu filho

- Somos bons amigos! – Tentou aligeirar o rapaz – Conhecemo-nos em
Gourbata e desde daí temos viajado juntos!

- Muito obrigado pelo vosso socorro! Nunca devia ter ocorrido à cidade de
Ares, já previa problemas!

- És de perto? – Perguntou o sempre curioso catraio.



- Não! Venho de longe, dos remotos vales de Anorra, no coração dos Pirinéus, onde vivem os meus compatriotas andosinos. O meu nome é Gran Valira!

- Muito gosto em conhecê-lo! O meu é Olhão e o dele, Arraúl!

- Disseste que não eras um criminoso afinal porque te perseguiram os vigias?

- Quis saber o maior.

- Ares é uma cidade cruel onde a Lei, enfeitada de exuberantes promessas de segurança, estabilidade e ordem, é na verdade um instrumento de coação e censura!

- A Lei!?

- À luz da qual se cometem as piores atrocidades, sobretudo quando te aproximas de temas proibidos ou decides falar, quando alguém já tinha encomendado estares calado!

- Mas a Lei é a Lei! - Contrapôs o rei de Marim com a indignação de quem é ferido numa crença fundamental – Se não existirem regras, a vida em sociedade é impossível!

- Se essas regras forem produzidas de forma clarividente, desinteressada, na justa proporção e o seu sentido entendido por todos!

- E não é?

-Quando a maior parte dos cidadãos prescinde de ter sentido crítico e toma a moral por um assunto de filósofos, a Lei ganha uma elasticidade perversa. São normas em catadupa, quais charadas; nebulosas, mesquinhas, despropositadas, não raras vezes contraditórias e sucessivamente regulamentadas por nova



legislação, ainda mais confusa. Assim se coloca a ordem ao serviço de interesses vis e maquinações secretas.

- Como assim?

- Nos lugares onde impera o desarranjo legislativo, gozam os bem prevenidos oportunistas. Eles e os bem posicionados, pois ganham a primazia de aplicár a Lei s quem e quando melhor entenderem. Um jogo conveniente e lucrativo, ao qual não falta o indispensável penhor de favores. Umas vezes escudados na letra: inflexível, direta e implacável; noutras, desvalorizando texto, classificando-o de pouco fiável, face a um conjunto de opiniões e pareceres irrefutáveis, quase sempre contrários ao mínimo bom senso. Um quadro ao qual se juntam sempre as suspeitas, os processos, as intimidações, a sofreguidão persecutória, embora estas também possam desaparecer, quando faz falta. Uma orquestra muito bem conduzida pelos procuradores bem comportados; distintos rostos cuja coluna de invertebrados princípios, oscila ao sabor da máxima confiança política.

- Isso é um estado de medo! – Exclamou o petiz.

- É um Estado comandado pela doce ilusão das aparências, da demagogia e das falsas realizações. Na realidade, quem tem o poder de resolver tudo à sua maneira, come na mesa da abundância, enquanto os cães de fila se mordem para disputar os restos...esses são, realmente, os mais perigosos...

- Foi quem te atacou?

- Meu caro Arraúl, numa sociedade permeável à mediocridade, onde o mérito é absolutamente irrelevante para o que quer que seja, quem quer trepar na ladeira social tem de integrar o séquito de bajuladores: ser o maior lambebotas; cumprir a pontualidade dos beija-mãos; ter a vulgaridade de intrigar



sobre os podres dos outros; mostrar-se implacável com os rivais e ainda mais com os amigos, os quais deve saber trair sem vacilar e com sorriso no rosto; revelar-se um bom angariador de negócios, dando de ganhar a quem importa; prescindir da moralidade e logo da própria personalidade; ser o mais fanático correligionário, qual papagaio-mor do ridículo e das frases feitas; sobretudo, mostrar-se obediente e agressivo, sequioso de rosnar feroz à mais ínfima ordem! Tive a má sorte de os encontrar e não me calar!

- Foi esse o teu grave delito?

- Na verdade fiz pior! Sou contrabandista de contos! Viajo por todo o mundo à procura de lendas, narrativas, lengalengas, alegorias, fábulas, ladainhas, parábolas, cantilenas, poemas épicos e estórias de encantar. Sigo de terra em terra; as pessoas apreciam as minhas narrativas e algumas até pagam por elas!

- Não fazia ideia! Como pode algo tão simples, ser uma coisa valiosa? - Intrigou-se o miúdo.

- O conto é algo muito precioso! - Reforçou o senhor.

- Porquê?

- Os contos ajudam-nos a compreender o sentido da vida, a adquirir maturidade psicológica e a desenvolver a personalidade, pois os enredos destas histórias abordam emoções com as quais algum dia teremos de lidar, como a inveja, o medo, o ódio, o ciúme, a ambição ou a rejeição. Se soubermos dar atenção à dimensão emocional, então teremos cidadãos capazes de enfrenta, de uma forma positiva, os conflitos do dia-a-dia.

- Os conflitos internos têm um tremendo poder destrutivo. - Confirmou o pensativo Arraúl.



- Os contos são um instrumento essencial em qualquer exercício de autogestão. Disciplinar sentimentos e sentidos, escolher a forma como nos relacionamos com os outros e até enfrentar ameaças externas, tendo por base dois conceitos muito simples: o bem e o mal!

O atlante relatou então como a sua pátria tinha sucumbido à pressão de Tristeza, Amargura, Ira, Medo, Discórdia e Desânimo, visto a sua amada e demais povo convertidos em pedra e tudo ser imerso num profundo manto de escuridão; contrariando o desmedido sentimento de culpa, predispôs-se a engolir antigos orgulhos, partindo em busca de Alegria, Esperança, Respeito, Coragem, Amizade e Determinação, as esferas divinas, cuja conjugação, acreditava, lhe permitiriam ter a força necessária para conseguir recuperar quem mais amava.

Valira conhecia a localização de uma dessas luzes. Anualmente, o povo de Taurini, uma povoação aninhada na base dos gelados cumes alpinos, realizava uma prova de esforço, à qual acorria gente de muitas terras estrangeiras.

No alto de uma íngreme parede vertical, com quase quatrocentos metros de altura, brilhava, puro e cristalino, o globo da determinação. Era a ambição de todos os concorrentes. Todavia, nunca ninguém tinha lá chegado.

O mercador pretendia seguir para norte, rumo às florestas dos marcomanos. Conduziria de bom grado os amigos, através das altas montanhas, certo de os fazer chegar sãos e salvos a Taurini.

Numa povoação próxima arrumaram uma junta de bois e um carro, no qual prosseguiram pela rota nordeste.

Gran Valira era um homem da montanha, experimentado na altitude e conhecedor das labirínticas passagens da serra argentera, uma crista de picos



com elevação superior a três mil metros.

Em razão do clima, as viagens através da cordilheira são perigosas. Chove durante praticamente todo o ano. No verão, as tempestades são frequente causa de torrentes de lama e desprendimento de terras. No inverno, os intensos nevões criam zonas instáveis, propícias à ocorrência de avalanches. A grande altitude, a temperatura baixa um grau centígrado por cada cem metros de ascensão. O vento é frio e constante; emboscado nos glaciares ou na robustez dos bosques, aterrador.

Para aliviar o desconforto, o negociante embalava-os com algumas das suas lengalengas, sobretudo o mais novo, inquieto perante a medida dos maciços à sua frente.

- Conhecem a lenda de Pirene? É a história da minha terra!

- Conta-nos!

- Era uma vez uma princesa chamada Pirene, filha do lendário rei gaulês da Cerdanha, Bébrix. Quando Hércules atravessou o reino, na sua demanda para tomar o gado de Gerião, os olhares dos dois jovens cruzaram-se, despertando a uma paixão intensa, porém fugaz. Comprometido com os trabalhos encomendados por Eristeu, rei da Argólida, o grego continuou a sua missão, deixando-a para trás. Quando descobriu estar grávida, correu pelos bosques, na senda do namorado. Na ansiedade do reencontro, a adolescente perdeu-se na infinidade do arvoredo, onde foi atacada por animais selvagens. Ao Ouvir os gritos de Pirene, Hércules regressou ao seu encontro, mas só encontrou a dor de um corpo sem vida. Como prova de amor, o semideus carregou-a de regresso ao reino. Aí edificou um imenso mausoléu, amontoando pedras e rochas até ao infinito, numa sucessão de montanhas às quais chamou Pirinéus.



- É uma história muito bonita! - Exclamou o petiz.

- Infelizmente, enquanto o filho colocou a tua nação, bem lá no alto, o pai afundou a minha, sepultando-a para sempre no fundo do grande oceano – reagiu o de Marim, num tom perfeitamente cáustico.

- És um dos da antiga Atlântida... - Concluiu o condutor sem pestanejar.

- Sou...

- Tenho uma parábola para ti! - Arraúl recostou-se e aguardou com expectativa - Certa vez, nas colinas da Frígia, Zeus e o filho Hermes decidiram testar a hospitalidade dos habitantes. Tomaram forma humana, disfarçando-se de indigentes, e continuaram pelo caminho da vila. Naquela andança, todas as portas se fecharam, pois os aldeões nada tinham a oferecer senão egoísmo e mesquinhez. Ao fim de mil, estavam ambos famintos e exaustos, porém com uma residência por visitar. Essa derradeira habitação era o lar de Báucis e Filémon, um casal pobre, ermo e idoso. Ao contemplarem os peregrinos, os anfitriões foram prestáveis e gentis, convidando-os a entrar, sentar-se nas melhores cadeiras, saciar-se com o único vinho, dispondo-se a sacrificar o ganso de estimação, para os alimentar. Honrado pela hospitalidade, Zeus revelou-se divino, ordenando ao casal que se dirigisse até ao cume do monte mais alto, pois iria punir a população com uma grande inundação. Lá de cima, os anciãos afligiram-se, ao ver a cidade ser submersa pelas águas. Pensavam ter perdido tudo. Não obstante, o Pai dos deuses foi providencial, pois no lugar da destruição surgiu uma quinta próspera e fértil, da qual foram Báucis e Filémon instituídos proprietários. Agradecidos, os dois ansiavam, mesmo assim, por um derradeiro desejo: poderem morrer juntos. Os deuses quiseram que eles fossem felizes por muitos anos mas, inevitavelmente, um dia, chegou a hora da despedida. Quando Filémon e Baucis estavam perto da morte, Zeus metamorfoseou-os num carvalho e numa tília, entrelaçados



para todo o sempre. Ainda hoje, quem passa pela região, venera as árvores gémeas, unidas para sempre no seu amor.

- Devemos ter sempre o coração aberto, até quando estamos tristes, desiludidos ou impacientes!

- Muito bem Olhão! Aprendes depressa! – Felicitou o contador de estórias. Arraúl permaneceu impávido. Assaltava-o um turbilhão de emoções e sentimentos; didfarçava, embora talvez não o suficiente.

O menino juntou-se ao amigo. Podia estar um pouco estenuando de tantas aventuras, pensou; ou quem sabe algo mais...

- O senhor Gran é um belo narrador!

- É um poço de sabedoria! - Confirmou Arraúl - Nem sempre é fácil ouvir a voz da sabedoria...

- Mesmo sabendo ser o correto? – Indagou, um pouco mais circunspecto

- A verdade, a sabedoria, o bom-senso, a racionalidade... não existem melhores conselheiros. Infelizmente, a sua valiosa contribuição também tem um preço, e esse é muitas vezes contrário aos nossos sonhos, às nossas aspirações, à nossa vontade

- Como quando procuramos a felicidade e ela não pára de se nos escapar entre os dedos?

- O meu pai dizia que a verdadeira felicidade mora em coisas tão pequenas e insignificantes que a maior parte das pessoas, embore a procure incessantemente, nunca a consegue encontrar! justificou-se cabisbaixo - Às vezes a felicidade



está onde menos esperamos! - O camarada anuiu - Posso ficar aqui ao pé de ti?

- Quem sabe ela não está onde menos a esperamos - Anuiu, cabisbaixo – Posso ficar aqui, junto a ti?

- Estás triste?

- É a minha cabeça a encher-se de disparates! Depois fico assim! Desculpa, devia concentrar-me mais nos nossos objetivos! Conseguiremos chegar à órbita de luz?

- Nesta altura, já não vale voltar para trás! - Olhão sorriu.

- Dás-me a tua mão? - E assim, ali ficou quietinho, o miúdo, até adormecer.







Capítulo VIII

DESAFIOS ITÁLICOS

Assinalando a reunião do rio Bodincus com seus dois tributários, a sereníssima Taurini aninhava-se no sopé protetor dos Alpes e dos morros Monferrato, no noroeste da península itálica.

Todos os anos, centenas de homens, de todas as origens, acorriam à cidade, tentando provar o seu valor e pujança na escalada do anipérvlito, o inatingível cume escarpado.

A três semanas do grande acontecimento, a placidez quotidiana era, por aqueles dias, interrompida pelas naturais ansiedades, expectativas e frenesim. Comércio, alojamentos, divertimentos noturnos, todos contavam beneficiar



da onda de euforia e, assim, maximizar proveitos.

Não muito distante dos limites urbanos, a escarpa resplandecia com a nobreza de um monumento, ostentando, no seu ponto mais elevado, um cintilante globo luminoso. Olhão e Arraúl contemplaram-no ao longe. A apertada segurança impedia qualquer aproximação. Ainda assim, as dificuldades da empreitada mostrava,-se evidentes.

As candidaturas à escalada formalizavam-se nos escritórios do grão-duque, local onde uma falange de zelosos burocratas cuidava, escrupulosamente, dos diferentes aspetos logísticos, designadamente da boa cobrança da taxa de inscrição. Para o efeito, o atlante entregou três peças de ouro, daquelas oferecidas pelo ciclope; uma participação cara com o objetivo de elitizar a competição.

Para escapar à confusão, o destemido par albergou-se numa estalagem dos arredores, numa zona de ravinas. Seria um bom local de treino. Arraúl apetrechou-se, adquirindo botas e luvas antiderrapantes, prosseguindo a preparação para o impreparável.

Olhão seguia intrigado. Seria possível não desconfiar de tanta encenação? Supostamente, a prova realizava-se há já várias décadas; participavam atletas de grande calibre; vinham de lugares tão distantes como o Egito, a Ásia ou o norte da Gália. Como podiam todos ter falhado?

Na véspera, quando Arraúl já dormitava, o menino esgueirou-se do alojamento. Com discrição, passou incólume pelos vigilantes, imiscuindo-se na multidão.

A organização tinha preparado uma grandiosa receção no palácio ducal e a festa alastrara por toda a urbe. O imponente edifício fazia lustro de colunas e capitéis; rendilhados, altos, cintilantes e sumptuosos. Toda uma aparência



vocacionada para acolher pessoas importantes. Ali estava a fina flor social; patrões, convidados estrangeiros, figuras da cultura, excêntricos das artes, ricos desocupados, todos entretidos num convívio bem adornado.

À direita do grande salão, no topo das encaracoladas escadas de mármore liso, um conjunto de personalidades reunia num encontro privado. Discutia-se o evento do dia seguinte e as suas implicações para o bom nome da cidade. A criança queria saber mais. Por isso, pôs-se à escuta.

Lá dentro, algumas intervenções sublinhavam a riqueza aportada pelos forasteiros; outras destacavam a dimensão cosmopolita do certame; terceiros propunham um brinde ao êxito e ao sucesso. Todos confluíam numa certeza: a esfera de luz continuaria inviolável.

Intrigado, o rapazinho abandonou o paço, deambulando pelas ruas, onde o povo dava vivas ao espírito ébrio, plenamente intoxicado pela vulgaridade indecorosa dos vinhos torpes.

- Miúdo! - Abeirou-se um indivíduo desnorteado - Tens bebida? - Olhão ficou estarecido. O mais prudente seria fugir. Reconsiderou; retiraria proveito da ousadia.

- Sei onde há e da melhor! Mas primeiro vou fazer-te uma pergunta!

- Gosto de beber! Não gosto nada de charadas! - Gaguejou sem grande nexo.

- Esta é fácil! - Desdramatizou -Porque é que nunca nenhum candidato conseguiu recuperar a luz da determinação!

- Ah, ah, ah! Essa é muito fácil - Gabou-se na eloquência da asnice – No início, enquanto todos se preparam, junta-se no local uma enorme multidão.



Apresentam grinaldas, tambores, buzinas e um grande fervor no apoio aos concorrentes. É claro, assim que a competição arranca, a conserva é outra! As pessoas insultam os trepadores com uma onda de negativismo tal, que estes acabam por fraquejar. Assim, é impossível vencer!

- Não me parece muito justo!

- Injusto era ficarmos sem a nossa linda bola de luz! Agora, onde está a minha poção?

- Está bem, está bem! Ganhaste! Ali naquela porta – indicou, apontando para a ténue claridade, oculta ao fundo de uma pequena viela – vais encontrar o bar do meu tio. Não falta lá pinga!

O bêbado arrancou, entusiasmado, no sentido da luz; o catraio tomou o inverso, desaparecendo a passo largo. Ao longe conseguia ouvir os urros desvairados da criatura. Por essa altura já estava longe, fora das muralhas, no conforto do modesto albergue.

O dia amanheceu com muita gente concentrada nas imediações do anipérvlito. Tudo parecia bater certo. O garoto queria prevenir o parceiro, mas temia abalar a confiança.

Lembrou-se, então, de sugerir a utilização de resina. Duas porções; uma para cada ouvido. Arraúl negou-se; sugestão completamente inútil, pensou. Todavia, o pequeno soube justificar-se, advertindo-o da importância de estar concentrado no objetivo. Relutante, tentou contra-argumentar, alegando a importância das emoções positivas. Esgrimiou-se mais um ou outro argumento. Finalmente, perante a insistência do petiz, acabou por aceder.

Os candidatos alinharam-se sobre a marca estipulada pelos juízes. Aparentemente,



apreciavam a monumentalidade da escarpa; no íntimo, contudo, fervilhavam estratégias para conseguir colocar as mãos no cume. Atrás da demarcação de segurança, as gentes exultavam e davam vivas aos concorrentes. Logo o som da partida; Olhão fez figas; os dados estavam lançados.

Nos primeiros instantes, os mais robustos adiantaram-se com naturalidade, alcançando os melhores pontos de ascensão. O atlante atirou-se por um trajeto mais difícil e, porventura, menos concorrido; interessava evitar os empurrões e as jogadas menos lícitas dos adversários.

Tinham passados sete ou oito minutos; os primeiros alcançavam a barreira psicológica dos cem metros e a população continuava a apoiar os atletas.

- Terei sido enganado? - Cogitou o rapazito; abruptamente, alguém sobressaiu do grupo.

- Vocês são uns falhados! Não vão conseguir!

- A escarpa é muito íngreme! Faltam-vos as forças! - Atalhou, impertinente, uma mulher.

- Não vão conseguir, não vão conseguir! - Guinchava um histérico.

- É muito difícil! Ainda falta muito e a pedra é cada vez mais lisa! - Acenava um barrigudo.

- Desistam! Desistam! Desistam! – Saltitava um grupo de fedelhos com pouca idade.

Numa etapa já avançada, quando o cansaço físico era notório, a falta de fortaleza psicológica começou a reclamar as primeiras vítimas.



Arraúl, insonorizado e concentrado na missão, começou a reparar no comportamento de alguns oponentes; procuravam as áreas de segurança, paralisavam ou simplesmente soltavam-se, numa queda de fim incerto. Lá no fundo, porém, as pessoas pareciam continuar a apoiar os seus heróis.

- Tenho de conseguir, não posso desistir! – Rangia entre dentes, na dificuldade de esquadrihar uma fenda, onde se pudesse apoiar.

A estratégia da população resultava. Pouco a pouco, os diferentes concorrentes foram desistindo. A carga negativa, aliada ao esforço de uma subida tão penosa, revelava-se demasiado cruel para poder ser debelada.

O sobrevivente da Atlântida, por seu turno, continuava a avançar. Devagar, seguro; totalmente derreado, mas sempre com o sentido posto no cume.

Vindo do nada, quando a maioria já tinha desistido ou fracassado, os populares aperceberam-se, horrorizados, da firme presença do atlante; estava cada vez mais próximo do ambicionado troféu.

O desvario tomou conta do público; impropérios e desaforos, lançados em desenfreada catadupa, pareciam incapazes de suster o avanço final.

Próximo do topo, a superfície rochosa tornava-se mais permeável a desastres, menos confiável, exigindo redobrada sensibilidade e atenção.

A Arraúl doíam-lhe as mãos, os pulsos, os joelhos, as articulações; penava, mas persistia, mesmo coberto de poeira e suor. Faltava pouco; mesmo quase nada; estava à vista. Teimou; sentia o cume ao alcance do braço; estirou-se.

Na base, o choque generalizou-se. Ninguém podia crer; muitos choravam, havia até quem desmaiasse. Aquele desconhecido tinha conseguido segurar-se,



ascendendo à glória no limite das suas forças. Algo desorientado ergueu-se, aproximando-se da cintilante esfera. Introduziu as mãos em forma de concha e acolheu-a, confiante. Já não fugia dali. Com o tesouro bem seguro, elevou os braços. Erguia bem alto a sua conquista. Tinha triunfado!

Quando removeu a resina, Arraúl apercebeu-se, imediatamente, da impopularidade do feito. Os organizadores retiraram-se; a assistência fugiu; a apatia gelava os poucos presentes. A estratégia delineada pela criança tinha permitido sobreviver à galhofa, superar o derrotismo e levar por diante o desafio de resgatar a Determinação.

Já os de fora estavam todos ali. Resolutos, sem arredar pé. Saudavam o campeão. Queriam compartilhar o momento. Mas onde estava Olhão? O sabor da glória desvaneceu-se rapidamente. Sobreveio a preocupação. Onde estaria o menino? Não o conseguia encontrar.

Aflito, percorreu com sofreguidão todas as ruas e travessas; bateu às portas; espreitou os recantos; bradou, bradou; perguntou a quem conseguiu e insistiu, mesmo com quem dizia nada saber.

- Levaram o moço! – Alvitrou um ferreiro, sempre atento a qualquer género de conversa.

- É meu servo e quero-o de volta! - Disparou, instintivamente, na direção do homem.

- Acalma-te, estrangeiro! – Exclamou – Tens todo o direito de reivindicar aquilo que é teu! Vou contar-te tudo!

- O que sabes afinal?



- Sei que és aquele que venceu anipérvlito! Os malfeitores não se cansavam de falar de ti. Queriam armas; ficaram com tudo o que tinha. Liderava-os Manto, o senhor do submundo; a ele nunca se diz não! Estavam com um miúdo... foi uma trapalhada...

- Manto? Senhor do submundo?

- Tem cuidado! O poder do insidioso é imenso! Sobretudo agora, com Ochus, impaciente deus da frustração, a seu lado.

- Tomarei as precauções devidas! – Assegurou.

- Se seguires o rio vais encontrar, a jusante, uma região de lagos cinzentos, pântanos e águas paradas. Esses são os domínios de Manto e do seu séquito!

- Obrigado ferreiro! Toma esta moeda de ouro. Espero que compense o teu prejuízo - O atlante estava resolvido ao resgate.

O Bodicus é o maior rio da península itálica, deslizando por uma bacia de grande fertilidade agrícola, rumo à foz, a leste, no Adriático.

Arraúl seguiu pela margem, acompanhando a corrente fluvial. No caminho viu lavradores, dedicados à construção de intrincados sistemas de irrigação; celeiros, perdidos nos vastos campos de cereais; pujantes herdades vinícolas e minúsculos povoados, dispersos na largura da paisagem. Ao longo do trajeto assomavam também belas cidades, como Ticinum, eternamente afadigada na sucessão de intermináveis projetos imobiliários; Placentia, senhora de basílicas amuralhadas ou a ilustre urbe dos cenomani, tribo gaulesa dedicada à gentil construção de valiosos instrumentos musicais.

A dada altura, o curso do rio descreveu uma curva de noventa graus e aí o



sopro do vento agudizou; presságio de más vizinhanças. A outrora suave brisa campestre foi-se degradando, assumindo forma de uivo desprezível, gemendo maus auspícios por entre o aperto dos canaviais; as águas, outrora fluidas, começavam a estagnar; o pesado nevoeiro entorpecia a visão e dificultava a marcha, tal como o lamaçal, atolando a passagem.

Aqueles eram os domínios de Manto e Ochus, divindades sinistras, outrora veneradas pelos misteriosos etruscos, hoje amplamente esquecidas.

No auge, o senhor do submundo tinha às suas ordens hordas de fanáticos devotos, encarregues de assegurar o fervor por intermédio do medo e do terror. Mas essas eram glórias passadas; recordações de uma outra época. O apogeu religioso soçobrara perante o panteão helénico, cuja popularidade relegara o culto do obscuro para os lugarejos mais rudes e supersticiosos do mundo rural.

Decididos a participar na mudança de paradigma, procuraram o favor das sombras, a quem juraram vassalagem. Derrotada Euríbia, recaía nas suas mãos responsabilidade pela infelicidade do atlante.

O audaz chegou à fortaleza dos quatro lagos escoltado por uma tropa de espectros. Prepararam-lhe uma cilada; previsível; Manto tinha raptado o garoto para o atrair ao império subterrâneo, de onde jamais sairia vivo.

Contudo, o senhor da escuridão inquietava-se com a possibilidade de cometer um crime, vazio de perversidade ou diversão. Não era tradição na corte e o soberano tinha uma robusta reputação a cuidar, ou não fosse deus do azar. Atrair a atenção das vítimas em jogos desleais; ferir de morte a esperança; vaziar a alma. Aspetos indispensáveis. Um desfecho atroz, mas muito mais dignificante e recompensador para o carrasco.



O rei de Marim foi recebido com a notável pompa do cinismo. O nebuloso vilão aguardava-o, prostrado no trono, resguardado por Ochus e bajulado pelas mais pestilentas criaturas. Aos seus pés estava Olhão, aprisionado à mordança e ao peso das correntes.

- Curva-te perante o noturno César da desgraça!

- Vim apenas buscar aquilo que me pertence! – Retorquiu, sem atender à ordem do senhor da frustração.

- Devias saber que não entregamos coisas de mão beijada!

- Não é uma entrega, é uma devolução! - Corrigiu - Só quero o miúdo e parto em paz! - Ao ouvir estas palavras, o deus do submundo soltou uma gargalhada rouca, erguendo-se do trono para se dirigir diretamente ao antagonista.

- Talvez o meu braço direito não tenha sido claro o suficiente afinal ele só quer convidar-te para um jogo! – o aventureiro nem pestanejou. Estava bem informado acerca da pérfida natureza daquele ser. Não seria honesto, pouco menos digno.

- Que desafio me sugeres?

- Assina primeiro aqui! - Avançou Ochus, deixando esvoaçar boa parte da intrincada papelada - Não vale a pena leres a caligrafia pequena! O acordo é simples: tens uma dívida. Se venceres, o fedelho é teu; se falhares, cobramos a tua vida!

Assinado o contrato, foram-lhe apresentados os contornos do concurso. Consistiria num jogo de oposição, organizado em eliminatórias. O objetivo: retirar um lenço, amarrado à cintura do adversário. Caso resistisse, aguardá-



lo-ia, numa única e derradeira finalíssima, o próprio imperador.

Arraúl tomou o palco da competição; uma arena quadrangular de dimensões exíguas, delimitada por traços grosseiros, imprecisos. Pisar fora valia a eliminação. Defender ostensivamente, também.

O adversário fazia-se valer da desproporção de meios. Braços e pernas muito compridos; corcunda pronunciada; agressividade desmedida.

Ciente do menor favoritismo, apostou em surpreender o rival. Grande e imponente sofria, todavia, em agilidade. Confrontado com a investida do adversário, o gigante lançou-se por cima deste, confiante de conseguir dar um fim imediato ao encontro. Antecipando a jogada, o sagaz deslizou sob as pernas do colosso, agarrando a retaguarda desprevenida. Tinha superado a primeira partida.

Na segunda ronda, defrontava-se com um opositor de baixa estatura e aspeto franzino. O convite ao facilitismo não retirou o foco nem fez baixar a guarda. Gorada a complacência, o desafio tornou-se num constante rodopio de parada e resposta. Os adversários estudavam-se, procurando descortinar um momento de fraqueza, uma brecha para desferir o golpe final. Arraúl tentou um golpe de rins; rápido e atrevido; defesa, contra-ataque; salvo no limite. Nova resposta; intensidade. Bloqueio, fora do quadrado de jogo. Vitória.

Incapaz de tolerar os sucessos do convidado, Manto despachou Ochus para a arena. A ousadia já tinha chegado longe demais.

Depois dos primeiros êxitos, o concorrente estava agora mais confiante. Ia defrontar uma divindade, porventura demasiado confiante da sua pretensa invencibilidade. Porém, as intrínsecas impaciência e frustração jogavam contra ela.



A estatura divina entrou na liça disposta a tudo, incluindo agredir o oponente à margem das regras. Protesto: ridicularizado. Assim previa o contrato.

O vil ser continuou a pressionar, assediando em todas as direções. Arraúl defendia-se como podia, mesmo no limite da desqualificação por jogo passivo.

Com a vitória ao alcance, Ochus decidiu humilhar o adversário, oferecendo-lhe uma bizarra oportunidade: ser derrotado à luz do verdadeiro poder de um Deus. Arraúl condescendeu; todavia só vergaria perante um opositor capaz de assumir a majestosa forma de um titã.

Vaidoso, o adversário correspondeu ao desejo, crescendo à grandeza desmedida de um gigante primordial. Erro crasso. Na verdade, tal dimensão era contraproducente, por incompatível com a presença na arena. Com os pés para lá dos limites legais, Ochus estava eliminado.

Com a finalíssima prestes a iniciar, Manto decidiu pôr cobro à disputa e deslindar o assunto à maneira antiga. Desembainhou uma lâmina de metal afiado e avançou em riste, decidido a esventrar o viajante.

Nesse preciso instante, uma pedra cruzou o cenário a alta velocidade. O impacto nas têmporas do vilão foi certo e violento. Atordoado, quebrou na investida. O atlante estava atônito. Num rasgo de ousadia, Gran Valira tinha chegado, rompendo pela fortaleza à frente de um valente grupo de mercenários.

- Vocês salvaram-me! Estou aqui para retribuir! – Apregou o velho contador de histórias, excitado pelo feroz ataque às criaturas subterrâneas.

Evitando o desatino da confusão, onde espadas, punhais e todo o tipo de argumentos contundentes faiscavam em aceso combate, Arraúl correu para



libertar o pequeno amigo. A parafernália do conflito; a intensidade dos golpes; o impacto do choque; os berros exaltados; o sangue a jorrar: só importava escapar daquele maldito lugar; o mais rapidamente possível.

- Fugam rapazes, fugam! – Continuava a vociferar o decano - Corram para Rasena, lá irão encontrar navios para vos levar até à Grécia!

- E tu? Vais ficar aqui? – Demandou o de Marim.

- Agora que sou protagonista do meu próprio conto, não quero ir a mais lado nenhum! - Exultou, no cumprimento da missão.

Oculto pelo caos bélico da refrega, a dupla conseguiu escapar incólume do castelo, enveredando por trilhos suastes, em direção ao mar.

Após alguns dias de marcha, chegaram finalmente a Rasena, sublime guardiã das portas do Adriático.

Construções de perfil harmonioso; fachadas gentis, arcos e colunatas ornamentados pelo cinzel de imaginativos artistas; templos, edifícios governamentais e empórios comerciais de enorme nobreza; maravilhas à vista de quem acabava de chegar.

Na viagem até ao embarcadouro, seguiram pela tranquilidade do caminho marítimo, canal ladeado de palácios e residências senhoriais; propriedades de homens de negócios e famílias importantes; moradas de luxos e extravagantes mordomias.

No cumprimento dos melhores costumes, o trago do vinho toscano e o paladar de exóticas iguarias temperavam a arquitetura de futuros matrimónios. A família ocupava um lugar central e a manutenção dos estatutos pessoal e



patrimonial, uma preocupação de primeira ordem, mesmo quando os nubentes ainda estavam por nascer. Tudo se resolvia à mesa, palco de desmedidas ambições, pitorescas vaidades e burlescos embustes. Haveria alguém sem algo a esconder? Jovens fidalgos, cuja empolgada fleuma mal disfarçava os bolsos vazios; senhoras de meia-idade à procura de melhor poiso; donzelas sequiosas de trocar a dignidade por uma subida horizontal na ladeira social; pretensiosos cavaleiros anafados por duvidosos feitos de valentia; servis oportunistas, com sentido nos cargos de poder e nas bolsas mais recheadas; pessoas de bem perseguidas por passados perversos e desleais. No todo, uma animação pincelada pelo matiz das cores pastel, reflexo do fulgor existencial daquela cidade emiliana.

A profundidade do cais permitia a acostagem de navios de grande calado. Os maiores vinham da Ásia Menor e dos portos de Tiro, Sidón e Biblos. Carregavam especiarias, safiras e púrpuras, remetidas por quem cobiçava negociar os fascinantes tesouros artísticos dos Estados italianos.

Determinadas embarcações também transportavam passageiros, assegurando o intercâmbio de pessoas, entre capitais de ambas as margens do Adriático; algumas procediam mesmo para mais longe, até à Ítaca de Odisseu, a Siracusa ou às mil e uma Cíclades, no coração do Egeu.

Um dos grandes ali fundeados era o Tiepólemo, navio oriundo da ilha de Rodes, assim designado para gabar o mítico rei, filho de Hércules e herói da guerra de Tróia.

A serenidade do capitão inspirou-lhes confiança. Sem nunca perder a compostura, Filaretos assegurava o comando das operações de carga e descarga. Homem sobre baixo, rosto moreno, barba cerrada, espírito distinto e trato leal, parecia ter paciência para os ouvir e conversar.



- Tu és grego? - Questionou Olhão, tomando partido da afabilidade do senhor – Acho que nunca tinha conhecido um grego!

- Na verdade sou heleno... grego é uma apelido criado pelos itálicos!

- Porquê helenos?

- Não aborreças o capitão! - Advertiu o adulto, não querendo perder as boas graças do comandante.

- Deixe lá o rapaz! Tem curiosidade, é próprio da idade! – Exclamou, antes de retomar o tom narrativo - Heleno foi um dos grandes heróis do início dos tempos e é o patriarca de todos os gregos. Do casamento com a ninfa Orséide nasceram Éolo, Doros e Xunto. Éolo, Doros e os dois filhos de Xuto, Aqueu e Íon foram, resoetivamente, os lendários fundadores das quatro principais tribos do nosso povo: os eólios, os dórios, os aqueus e os jónios. Apesar de todas as rivalidades e diferenças entre as nossas cidades, está inscrito, em todos nós, um forte sentimento de pertença a uma comunidade alargada, fundada na partilha e comunhão de laços linguísticos, culturais e religiosos: a nossa pátria, a Hélade.

- Quem é o rei da Hélade?

- A Hélade não tem reis. Pertence a outra dimensão. É uma ideia de civilização à qual nos unimos, onde quer que estejamos. Quem tem governantes são as polis!

- Polis?

- Cidades-estado! Mas não como qualquer cidade que conheças!



- São diferentes?

- Em bom rigor, devem ser entendidas como cidadãos-estado, pois nelas, o mais importante, são as pessoas e não propriamente o conjunto urbanístico! Apesar de, inicialmente, terem sido criadas para defesa comum, rapidamente se transformaram em centros de civilização, nos quais os cidadãos podem desenvolver as suas capacidades físicas, espirituais, intelectuais e artísticas!

- Nós procuramos Zeus! – Interrompeu o atlante.

- Zeus, o senhor do trovão? - Quis certificar-se Filaretos.

- Sim, o Pai do panteão Olímpico

- Talvez no monte Olimpo? – intrometeu-se o pequeno.

- Para vos ser franco, creio que poderão ter mais sorte na Élide.

- Onde fica a Élide? - Retorquiu, imediatamente, o mais novo.

- A Élide é um Estado independente, situado na porção ocidental do Peloponeso, com capital em Elis. Nesse território, localizado num vale remoto, sítio onde o rio Cladeu abraça o Alfeu, existe um santuário místico, abrigado por um bosque de oliveiras e plátanos, onde os sacerdotes organizam o mais famoso festival de toda a Hélade, os Jogos Olímpicos!

O que te leva a pensar nesse local? – Indagou o cético Arraúl.

- Os Jogos Olímpicos não são apenas o mais importante dos eventos pan-helénicos, isto é, para todos os gregos; eles são também dedicados a Zeus!



- É suposto participarmos nesses Jogos?

- Os Jogos Olímpicos não são nenhum evento lúdico! são agones, concursos, nos quais participam apenas os mais rápidos, os mais altos e os mais fortes; mas não sem antes provarem o seu valor, honra e penitência. Meses antes do início das celebrações os mensageiros, spondorophori, percorrem os lugares do mundo helénico, proclamando uma trégua sagrada, ekecheiria, e anunciando a data do evento. Primeiro, os potenciais concorrentes têm de reunir determinadas virtudes, nomeadamente serem homens livres, não estarem perseguidos pela justiça ou terem uma moral reta. Os que têm coragem suficiente para responder à chamada, estão obrigados a treinar-se sob supervisão dos juízes locais, os Hellanodikai, durante o mês anterior à competição, um estágio famoso pela dureza física, psicológica e alimentar. Quem não aguenta é imediatamente desqualificado. Não está ao alcance de todos competir em honra de Zeus!

- Levas-nos até lá?

- Dentro de três dias regressamos a casa. Terei todo o gosto em conduzir-vos até à Élida. A partir daí terão apenas de encontrar um guia para vos conduzir ao santuário!

Tal como previsto, o Tiepólemo levantou âncora antes do final da semana, zarpando rumo a sul, com escala nalguns dos mais fascinantes refúgios da península.

Ancona, antiga colónia grega, encravada no promontório norte, vigiava a enseada do alto da acrópole amuralhada. O bem conhecido cotovelo costeiro dera-lhe nome e o negócio de bronzes e cerâmicas áticas, prosperidade. Um importante entreposto comercial de paragem obrigatória.



Baal-El ou a terra do vinho. Assentamento Fenício na fértil foz do rio Áufido, para onde este flui desde os Apeninos meridionais. Naquela geografia, os sedimentos argilosos, acumulados sobre o litoral rochoso, unem-se ao clima temperado mediterrânico, dando origem a um atraente centro de cultivo e exportação vitivinícola.

Brentesion, ocupando lugar de vital importância estratégica no estreito de Otranto, assinala a fronteira entre o Jónico e o Adriático. Naquele burgo calcário, o mar penetra a terra e desenha um magnífico porto natural, em forma de cabeça de veado. Um orgulho exibido na heráldica local.

Para os marinheiros, a última acostagem italiana anunciava folia e excitação. Nesta paragem o folclore bebia de ancestrais ritos pagãos, dedicados à sensualidade feminina e ao histerismo; forma de demência telúrica provocada pela picada da tarântula-do-mediterrâneo; veneno, cujo efeito apenas podia ser exorcizado através da tarantela, um conjunto de danças e músicas frenéticas.

Após esta passagem, o navio começou a afastar-se, progressivamente, de terra firme, fletindo ligeiramente para leste no seu percurso a sul.

Os desocupados entretinham-se a jogar ourania. Olhão aborrecia-se de jogar bolas altas. Preferia segurar com o pé, divertindo-se pelo convés, a driblar os atarantados marujos.

Tens jeito para isso! – Reparou o parceiro. Descendo desde os aposentos, Filaretos aproximou-se do convidado, com quem aproveitou para trocar dois dedos de conversa.

- Acreditas ser digno de Zeus? - O capitão fez uma pausa, não longa o suficiente para permitir resposta – É um longo caminho deste a Atlântida



- Não sei do que falas! A Atlântida está morta, encerrada no leito do Oceano.
- Sim! Supostamente sem sobreviventes...
- Não fui o único
- Tenho boas recordações das viagens para lá das colunas de Hércules, quando conheci Adrasto, o seu guarda-mor!
- Conheceste Adrasto?
- Um homem bom, extremamente profissional, amigo do seu amigo. Nós, helenos, tínhamos alguma dificuldade em navegar no grande oceano, pois as vagas são rebeldes e estávamos muito presos à cabotagem. Graças à sabedoria do mestre, aprendemos muito sobre construção naval e novas artes náuticas!
- Adrasto era o meu pai! Sou o mais novo de vinte irmãos!
- Sim, eram uma família muito grande
- Pereceram todos...
- Foi uma tragédia enorme e pelos culpados, como sempre, pagam também os inocentes. - Lamentou o capitão.
- Havia uma culpa assim tão grande? – Sondou, pesaroso, o rei de Marim.
- Infelizmente, a certa altura, as elites militares tomaram os lugares cimeiros. Apoderaram-se dos lugares de poder e colocaram homens da sua confiança nas estruturas intermédias. Mandavam, efetivamente. Todos os recursos passaram a estar concentrados em dois únicos objetivos: expansionismo e



aniquilação. Quando chegava, o exército apoderava-se de todas as riquezas e tesouros. Depois matava sem piedade: homens, mulheres, crianças. Uma vez vaga, a terra ficava à disposição dos colonos e o império crescia. Quando começámos a ser vítimas desse destino atroz, incapazes de fazer face ao poderio tecnológico dos atlantes, rezámos aos nossos deuses, implorando por salvação.

- E os vossos deuses atuaram...

- Primeiro Zeus quis estabelecer tréguas, um compromisso fiável, capaz de colocar a salvo as comunidades helénicas. Porém, quando chegou ao ocidente, o deus percebeu o embuste. Atlas e a hierarquia não queriam paz, antes preparavam-se para libertar os gigantes e vingar a titanomaquia. O combate foi violentíssimo e o desenlace conhecido. Fico feliz por alguns terem merecido uma segunda oportunidade... porque decidiste empreender uma jornada tão grande?

- Com a ajuda da população local, nós, os sobreviventes, construímos um lugar espantoso, do qual sou rei. Por minha culpa, porém, tudo se desmoronou. Queria ter um filho, um sucessor. Quando isso não aconteceu, deixámos os nossos corações serem invadidos por sentimentos negativos. As sombras já estavam à espreita. Fugi; todos os outros, incluindo a minha mulher, foram transformados em pedra. Marim ficou sepultado sob um imenso manto de escuridão. Se não conseguir reunir as esferas de luz e persuadir Zeus a combater o mal, então o poder destas continuará a crescer e todos estaremos perdidos.

- Incrível! – Entendeu o comandante, passando a mão pela testa suada. Pensei que o menino fosse teu filho...

- A dada altura encontrei o rapaz. Viajamos juntos mas não somos família. Prometi ajudá-lo a encontrar os pais. Não será fácil



- Pensei que o menino fosse teu filho...

- Não é

- Porque não o adotas? Terias um herdeiro formidável!

- Fora de questão! - Respondeu Arraúl após alguns momentos de reflexão – Não é isso que quero

- És senhor do teu destino! – Lembrou - Espero que sejas bem sucedido nos teus intentos!

De repente, um forte estrondo fez estremecer a embarcação. Os homens do mar colocaram-se imediatamente em sentido. Parecia grave.

- Capitão! Capitão! Baixios! Estamos presos!

- Quem vos mandou aproximarem-se assim de Córçira!? Quais são os danos? Conseguimos flutuar? Temos um problema muito sério entre mãos! – Esbracejava o comandante.

- O barco tem algumas escoriações mas aguenta-se!

- E se esperarmos pela preia-mar? – Sugeriu um dos nautas.

- Esperar pela preia-mar!? A ondulação vai agravar os danos no casco do navio!

- Capitão Filaretos, conheço quem nos pode ser providencial! – Sem mais comentários, o atlante socorreu-se do apito encantado, fazendo fluir o pedido; Após breves momentos, chegou o precioso auxílio.



- Tounarouz! Tounarouz! Ajuda-nos! O navio está preso e danificado! – Ao verem o gigante marinho, os marinheiros soltaram admiração. Estavam habituados a seres e criaturas marinhas, mas nunca tinham visto uma tão grande e tão de perto – Tem cuidado, esta é uma faixa de pouca profundidade!

A tripulação correu a amarrar cordas às secções estruturais do navio, estendendo-as para o mar, até ao lugar onde a baleia se encontrava posicionada,

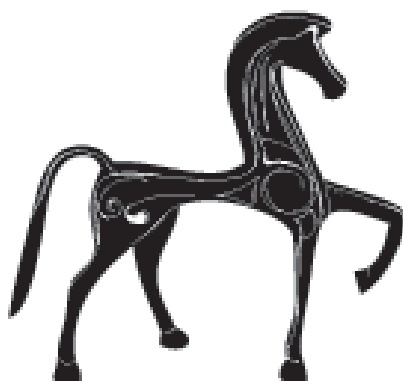
Com um golpe de força, o cetáceo resgatou a embarcação dos recifes, trazendo-a novamente para águas seguras.

- Ketós, Ketós – Apregoavam incessantemente os mareantes, certos da natureza divina daquele auxílio. Ainda assim, a extensão dos prejuízos obrigava a uma intervenção junto da quilha e do leme. Tounarouz amparou a viagem, navegando o barco através dos estreitos insulares, até Patras, entrada ocidental da Grécia. Estabelecida no golfo de Corinto, era localização de afamados estaleiros, próprios para consertar o navio e retorná-lo à condição original, em poucos dias. A partir de lá os dois amigos seguiriam a pé, até à vizinha Élide.









Capítulo IX

◉ PAÍS dos HELENOS ◉

- Então isto é a Grécia! - Exclamou Olhão, fascinado pelo contraste entre o recorte ameno do litoral e a imponente magnitude dos cumes gelados.

- Salvo a orla costeira, predominam no Peloponeso grandes cordilheiras, onde nas neves são eternas. Esta chama-se Panachaiko e o seu ponto mais alto, o Palavou Pyrgos, ergue-se a quase dois mil metros de altitura. – Explicou Filaretos.

- Muito obrigado por nos ter trazido até aqui! - Agradeceu Arraúl.

- Nada disso! Sou eu quem está grato por vos ter conhecido! Desejo-vos o



melhor na vossa demanda! – Disse, abraçando-os com saudade - Sigam para oeste, sempre junto ao mar. Quando chegarem a Dime estarão a apenas trinta estádios da fronteira entre a Aqueia e a Élide. A partir daí, é sempre para sul!

Na jornada pelo Peloponeso ocidental, a vista preenche-se de um especial sentido bucólico. Os vales e montes estão salpicados por choupos, castanheiros e oliveiras. Há também pinheiros e, ocasionalmente, pequenos detalhes de casario. Na terra fértil, avermelhada, lançam-se sementes de sustento e podam-se vinhas. Por perto, as famílias acorrem aos bosques de oliveiras milenares para ali varejar o ouro verdeal.

No campo deambulam pastores, espalhando manchas brancas pela paisagem, quase sempre à procura de beber nos charcos escondidos entre os canaviais.

Junto à estrada, descobrem-se aldeias e sítios, de onde sobressaem, atrevidas, as pontas aguçadas dos ciprestes; diz-se terem qualidade de repelir feitiços. À sombra da vegetação trepadora, os velhinhos entretêm-se com os netos. Os miúdos apreciam guloseimas, sobretudo figos secos ao ar, conservas de fruta, compotas e muita brincadeira. Consulta-se o tempo, não vá ele passar. Ainda se arranja vagar para preparar o almoço, assistido pela saladinha miuda e regado pelo bom azeite. Sobre a mesa sempre queijo e mel. Para quem chega, há vinho com fartura e tema para um bom parlamento.

Na largura dos campos sobressaem templos, monumentos e outros indícios históricos. O povo envaidece-se dos seus heróis, invocando gloriosos feitos do passado e lendas, pelas quais muito se pode aprender. Provavelmente também vagueiam por ali deuses, como Apolo, helénico patrono da beleza.

Élis, cidade de antiguidade desconhecida, cujas origens entroncam nos mitos de uma Idade perdida, estava situada num vasto vale de fértil abundância, banhada pelo curso do rio Pineo, já distante do interior montanhoso da



Acroreia.

De profunda devoção religiosa, dela dependiam enquanto único centro urbano relevante numa vasta área de predomínio rural, o controle de toda a Élide. À primazia agrícola, não eram alheios o clima temperado, a abundância de terra arável, as pastagens e os aquíferos, pois dessa configuração, resultava a própria forma de governo, uma oligarquia de ricos latifundiários, institucionalizada num senado de noventa.

A autossuficiência, assim como o isolamento do território, resguardado pelas inacessíveis cordilheiras da Arcádia, a leste, e pelos ventos Jônicos, a oeste, permitia uma existência afastada de conflitos políticos ou de desassossegos militares, para se concentrar na correta administração, preparação, organização e supervisão dos Jogos Olímpicos.

Essa singularidade não era apenas mental ou espiritual; refletia-se no próprio conjunto edificado. O espaço envolvente da ágora, lugar central de cidadania erguido sobre a altura da colina de paliopyrgos, era dominado por edifícios administrativos e instalações de treino, onde os atletas acolhiam compulsivamente, durante o mês que antecedia a competição.

Sendo a prática de atividades físicas comum a outras civilizações do mundo antigo, a organização de jogos religiosos, enquadrados num espírito comum de liberdade e aspiração à perfeição, refletia uma abordagem particular ao fenómeno religioso, exclusiva dos helenos; não de uma forma obediente e submissa, mas com respeito e frontalidade, pois Zeus era patrono nunca criador.

A partir do singelo bazar, um pequeno nicho resguardado no limite da muralha cívica, Eudoxos estava especialmente atento à chegada de forasteiros. Invariavelmente preocupado em com a sustentabilidade do negócio, precipitou-se em direção aos potenciais clientes.



- Bem-vindos a Élis! Vejam! Vejam! Sandálias de cabedal, as melhores! Só vendemos as melhores!

- São lindas! Estava mesmo a precisar de umas novas! Podemos ver? – reagiu o petiz ao pregão. Arraúl nem conseguiu pestanejar. Já estava a ser arrastado para a entrada do exíguo espaço mercantil.

- Meus amigos, temos modelos para a criança e para o adulto! Reparem, está tudo pendurado por aqui! É só escolher! Diga-me as suas preferidas, cavalheiro, vai sair daqui mais feliz!

- Compreendemos que tem um produto para vender – replicou - mas neste momento temos outras preocupações!

- Ah, meu caro amigo! Não subestime umas boas sandálias! - Insistiu o vendedor - Quem sabe vos possa ajudar e fazemos negócio!

- É aqui que se celebra o festival em honra de Zeus?

- Refere-se aos Jogos Olímpicos?

- Sim, os Jogos Olímpicos!

- O nosso grande festival, o maior e mais importante de toda a Hélade! Tem lugar no santuário sagrado do vale de Olímpia. Fica à distância de cerca de dois dias de viagem se pretende assistir ao evento, lamento informá-lo, só daqui a dois anos!

- O santuário permanece no mesmo local?

- Sim, o lugar sagrado está isolado, no vale do Alfeu, pelas montanhas da



Arcádia e pelos bosques circundantes, certamente também coberto pela vegetação. Os sacerdotes só dão início à preparação do local, dez meses antes do início dos Jogos. Já agora, porquê a curiosidade? Querem visitá-lo?

O diálogo foi abruptamente interrompido pela chegada de um ilustre. Sentido seguro, porte senhorial, túnica púrpura, bordada segundo a heráldica administrativa; sinais distintivos de alguém importante.

- Eudoxos! – Invocou com autoridade - Já trataste do meu calçado?

- Senhor Anaxagoras, muito bom dia! Já está tudo pronto, eminência!

- Hoje tens casa cheia! – Gracejou o fidalgo.

- São visitantes de longe! Estávamos a conversar sobre os Jogos Olímpicos! O sacerdote Anaxagoras – referiu, preocupando-se em enaltecê-lo perante os clientes - é uma alta autoridade, das encarregues da organização da festividade! Já foi, inclusivamente, eleito juiz em diversas ocasiões!

- A história dos Jogos Olímpicos é tão antiga como a da própria humanidade!
- Envaideceu-se, certo da importância do seu estatuto - As raízes desta nossa celebração, vivida a cada olimpíada, por altura da segunda lua cheia, após o solstício de verão, quando as colheitas de cereais terminam e a vindima ainda está por se iniciar, perde-se na memória dos tempos. Olímpia foi criada por Hércules, tendo o próprio limpo o bosque, estabelecidos os limites do Altis, o espaço sagrado, e instituído os primeiros Jogos, em honra do pai, Zeus, logo após a conclusão de um dos seus doze trabalhos, a limpeza dos estábulos do rei Augias, nosso antepassado. Segundo as odes, cantadas ao longo de gerações, foi Olímpia o local onde Zeus derrotou Cronos, na luta, e Apolo se superiorizou a Ares, no boxe, e a Hermes, na corrida, atribuindo-se a Hércules o início da tradição de premiar o vencedor com uma coroa de



oliveira selvagem, o kotinos.

- Um dia, porém, esses Jogos primordiais cessaram

- Quando a Grécia se viu imersa na guerra, na fome e na doença, a pitonisa do Oráculo de Delfos propôs ao rei Ífito recuperar o antigo festival! - Continuou o solene aristocrata - O soberano declarou então a Élide uma nação consagrada a Zeus, instaurando uma trégua, gravada num disco de bronze, por acordo com Licurgo, rei de Esparta e Cleóstenes, senhor de Pisa. Esta Ekecheiria constitui um dos aspetos mais sagrados da nossa organização e proíbe os Estados participantes de pegar em armas, perseguir disputas legais ou executar penas de morte. O clima de paz é essencial para a segurança de todos os atletas e peregrinos.

- É um festejo muito especial, pois congrega todo o mundo grego em homenagem ao seu Deus maior – recordou o comerciante.

- Com pompa e circunstância! - Destacou Anaxagoras – Dois dias antes do início das provas, partimos em procissão, rumo ao santuário. À frente seguem os Hellanodikai e outros oficiais; depois atletas e treinadores; carros e cavalos encerram o desfile, acompanhados dos respetivos proprietários, condutores e cavaleiros. Toma-se a via sagrada, ao longo da costa, até à fonte de Piera, local onde se procede ao sacrifício de um suíno.

- A noite é passada em Letrini! - A Eudoxos acorria certamente a frivolidade de uma boa recordação.

- Quando chegamos, já muita gente assentou arraiais. O recinto está à pinha e os comerciantes não têm mãos a medir. Às festividades acorrem gregos de todas as proveniências. Os mais ricos de carro ou a cavalo; os pobres quase sempre a pé.



- A multidão é de tal ordem que ao alvorecer do primeiro dia de Jogos, já não há um único lugar vago para assistir às provas!

- Gostávamos de visitar o Altis! - Antecipou Arraúl, já perfeitamente convencido da importância religiosa do lugar.

- Olímpia é solo sagrado! - Advertiu o notável, elevando o timbre eclesiástico
- Fora da realização dos Jogos está completamente interdito!

- Mas nós viemos de muito longe! - Tentou persuadir o garoto.

- Ainda por cima são forasteiros! - Rematou - Seria um sacrilégio!

A dureza da oposição empalideceu os amigos. Com a sentença proferida, o sacerdote abandonou o local, sem demonstrar qualquer tipo de flexibilidade. O negociante, por seu lado, encolheu os ombros. Restava-lhe agradecer a compra de dois pares de sandálias e oferecer ao mais pequeno uma espada de madeira. Uma compensação, disse. Infelizmente não os podia fazer mais nada.

- Arraúl - sussurrou o miúdo, desconfiado de olhares e ouvidos indiscretos - E se fôssemos por nossa conta até Olímpia?

- Nem me passou outra coisa pela ideia! Se ao menos soubéssemos onde fica o santuário! - Observou o adulto.

- Temos algumas pistas! Fica a dois dias de caminho para sul, algures fica uma localidade chamada Letrini... quando estivermos lá perto perguntamos...

- Arranjamos mais confusões, queres tu dizer!

- Depois de uma viagem tão longa, não podemos morrer na praia!



- Ainda nos falta a esfera da coragem...

- Tenho uma ideia! Seguimos sempre junto ao mar, até à foz do Alfeu. Daí acompanhamos o curso do rio até ao Altis.

- Vamos a isso! Não há nada a perder!









Capítulo X

A MISTERIOSA OLÍMPIA

Com Élis já distante, prosseguiram para sudoeste, encontrando o litoral já no limite da luz diurna, na região do cabo Katakolo, golfo da Arcádia, zona de pacíficas praias arenosas, refúgio de tartarugas marinhas e respetivas crias.

A busca por um local de descanso conduziu-os à vertente norte do promontório. Fea, simpática localidade refastelada sobre águas plácidas, estava aninhada no íntimo de uma humilde enseada rochosa, um paraíso azul-turquesa, encoberto pelo verde pinho circundante.

Refúgio de marítimos, ali se encontrou o merecido repouso, enriquecido pela oportunidade de renovar interesses e cultivar saberes acerca dos buliçosos



ofícios do mar.

Discutindo a faina e os métodos de captura, os pescadores partilharam a forma como atraíam o atum para o interior de uma armação. Atentos, os vigilantes avisavam as embarcações da chegada iminente de um cardume. À entrada, os peixes eram impelidos para uma série de redes colocadas junto à costa, até finalmente atingirem a câmara de copejo. Uma vez dentro do cerco de barcas e rente à superfície, ficavam à mercê dos tridentes e dos golpes de arpão. Arraúl interessou-se pela temática e logo perspetivou divulgar a ideia caso, algum dia, conseguisse regressar para junto dos seus.

Com o anoitecer, a comunidade piscatória preenchia a baixa, convocando locais e visitantes para uma partilha de estórias no generoso convívio das mesas de jantar.

Sabendo da busca pela desembocadura fluvial, os mais velhos trouxeram à lembrança a lenda do jovem Alfeu e da sua exacerbada paixão por Aretusa, ninfa de Artemisia, matrona da caça e da vida selvagem. Profundamente enamorado, o mancebo esmerou-se nas artes da sedução, evidenciando as virtudes do afeto e do deleite. Para seu profundo desgosto, a jovem, tal como a deusa, era avessa ao amor e desprezou-o, fugindo para Ortigia, uma ilha siciliana, onde se transformou em fonte.

Incapaz de lidar com a rejeição, Alfeu suplicou a Zeus ser transformado num rio para que, ao desaguar, pudesse impelir-se através do Jónico, e chegar até junto da sua amada

Ao encontrarem a foz, os viajantes penetraram para leste, acompanhando o serpentear da corrente. Enveredando para o interior, a morfologia torna-se mais rugosa. Apertam-se paisagens; campos de cultivo e terras aráveis dão lugar aos bosques, cerrando determinados pontos das margens.



As dificuldades acabaram por retardar o passo.

- O sol está quase a pôr-se e não consigo vislumbrar nenhum santuário .

- Olímpia fica na confluência do Cladeu com o Alfeu, temos de encontrar a interceção dos rios - Recordou Olhão.

- Seria mais fácil se a floresta nos permitisse observar a extensão do rio! - Atento, o atlante tentava avistar pontos de referência. Com a corrente a sofrer com vários assoreamentos, pairava sempre a sensação de estar a ser induzido em erro.

- Arraúl, espera, temos de ajudar este amigo! – As palavras do menino alertaram o mais velho.

- Uma cria de lobo!

- Está todo encolhido, com a cabeça entre as patas, deve estar cheio de medo!

- Os lobos deslocam-se sempre em alcateia, provavelmente perdeu-se! – Animado pela companhia, o animal começou a saltitar, sacudindo a cauda, animado pelo interesse em conduzir os humanos numa determinada direção.

- Acho que ele quer companhia!

- Cuidado! Não precisamos de lobos à nossa caça!

- Confia em mim! Talvez esteja a farejar algo importante!

Sorrateiramente, seguiram no encalço da cria, tentando não lhe perder o rasto. Anunciava-se lua nova e o manto pardo da noite cobria a maior parte



do contexto. Avançaram rumo a um bosque de rama frondosa. Tudo muito encoberto; tudo muito compacto; tudo muito escuro.

- Pirlampos! Nunca tinha visto tão grandes! - Sussurrou o petiz, atraído pelo magnetismo das pequenas luzinhas voadoras; não as queria assustar.

- A noite está quente e húmida, por isso as fêmeas decidiram sair para anunciar a beleza!

- Se pressentissem algum perigo, já tinham apagado a luz!

A trémula incandescência dos coleópteros eufemizava a escuridão, convertendo a sinistra passagem num bosque de mágicos encantos; oliveiras, pinheiros e plátanos; moitas de rosmaninho e flores silvestres; fascinantes à visão e ao olfato.

Sem dar por isso, Arraúl achou-se numa clareira. Vasta e arenosa. Em redor, a passividade do oculto. Sentiu algo diferente. Acrescentou mais uns passos e avançou pela planície. Ao fundo, um arco de equilíbrio perfeito, coerente, harmonioso; para lá da entrada, construções, ornamentos, colunatas; equilíbrio.

- Olímpia! - Exclamou - Encontrámos-te! - Por momentos, o fascínio toldou-lhe os sentidos, levitando as ramificações nervosas à altura das estrelas. Um acesso de lucidez devolveu-o a realidade: continuava sem Coragem e longe de Zeus.

O atlante irrompeu pelo Altis, calcorreando os caminhos do santuário; o resplendor de templos e monumentos; admirável; pessoas ou deuses, nem sinal. Regressou ao terreno de jogo para bradar pela criança. Sem conseguir iludir o desalento, contemplou o véu estrelado, numa tentativa vã de descortinar algum salpico de ânimo.



- Ainda pensei encontrar algum ponto de luz nesta noite de lua nova! – Refletiu em voz alta. Subitamente, uma mão desconhecida assentou-lhe sobre o ombro.

- Senhor, o que faz a esta hora, neste lugar? – Assombrado, Arraúl quase baqueou. O mendigo, já de certa idade, continuava impávido e sereno, certamente à espera de uma explicação difícil de chegar. O estrangeiro lembrou-se da advertência. Não convinha, de todo, despertar a ira das autoridades. Sem saber muito bem qual a melhor forma de se justificar, disse a verdade.

- Bem, queira-nos desculpar! Viemos à procura de Zeus! - Os olhos do ancião arregalaram-se. Parecia estar a testemunhar uma heresia. Por momentos permaneceram em silêncio, mudos na acareação de olhares, até o velho decidir falar.

- Zeus não costuma receber assim os mortais pelo menos não a esta hora da noite! – Gracejou.

- Nós viemos de muito longe e temos coisas importantes para lhe contar! – Garantiu o pequeno Olhão.

- Venho do longínquo ocidente, para lá das colunas de Hércules! O meu reino fica nas margens do grande Oceano e foi tomado por um mal insuperável...

- Sombras! Estão a semear o terror e pretendem libertar titãs! Forças malignas prontas a apoderarem-se do mundo! – Assegurou o petiz no seu estilo hiperativo.

- Para lá das colunas de Hércules? Não sabia que os gregos tinham ido tão longe!

- Nós não somos gregos! - Retorquiu o miúdo. O companheiro aguardou um compasso de silêncio e continuou.



- A verdade é que sou atlante! - O indigente ficou ainda mais surpreendido. Começou a fitá-lo, descrevendo inquietos círculos em redor - Estão aqui as minhas marcas.

- Pretendes vingar o passado?

- Cheguei a esta terra na esperança de uma trégua. Parti zangado, triste, desconfiado; ainda assim cheio de esperança. Na minha odisseia encontrei a amizade, o respeito, a alegria e a determinação e essas vivências foram diluindo a minha amargura

- Tem sido uma aprendizagem! – Acrescentou o petiz – Agora precisamos convencer o pai dos deuses a ficar do nosso lado!

- Têm a certeza de encontrar em Zeus a resposta?

- Não tínhamos vindo tão longe se não acreditássemos! Zéfiro, o deus do vento oeste, encarregou-me de reunir as esferas de luz. Caso o conseguisse seria digno de comparecer perante o senhor do trovão... mas falta-me a Coragem - inclinou a cabeça entristecido - e não sei onde procurar!

- Procura aqui! – O mendigo ergueu o indicador e apontou-lhe o lado onde bate o coração. Nesse momento, uma luz intensa formou-se entre a extremidade do dedo e o peito do peregrino. Arraúl ficou estarecido. As seis esferas de energia ergueram-se no ar, envolvendo-o numa rápida sucessão de elipses, para depois se unirem numa chama pura, brilhante, única. Ainda incrédulos, os companheiros observaram como as túnicas do mendigo desapareciam, desvendando o maior de todos os tempos: Zeus, o supremo Deus do Universo.

Ninguém se atreveu a interromper o momento. A aura divina, inspiradora e luminosa, acendeu a clareira. Limitaram-se a contemplar. Um sentimento



de paz e tranquilidade invadiu-lhes os espíritos, propiciando um ambiente calmo e acolhedor.

- Estou aqui Arraúl! - Disse finalmente o altíssimo. O soberano de Marim continuava boquiaberto. Foi o menino a adiantar a primeira questão.

- Senhor, onde estão os meus pais?

Há uns anos – evocou num paternal timbre fraterno - deram à costa os destroços de uma frágil embarcação. Ia sobrecarregada de sonhos; muito para lá da lotação admitida; não resistiu. A tua mãe e o teu pai eram passageiros desse trágico destino, tal como tu, meu filho.

- Entendo agora os pesadelos e o turbilhão de água – Notou o menino com elevada maturidade.

- Foste o único sobrevivente, atirado às rochas de uma região inóspita. Ninguém quis jogar-te a mão. Não era legal, dizia quem percebe de leis. Valeram-te os traficantes...

- Eram inocentes não mereciam ter morrido - Confessou, sem conseguir calar as lágrimas.

- O mundo dos mortais é assim: impiedoso, injusto, não raras vezes cruel. Cabe a cada um de vós, e cabe especialmente a ti, assegurar que as vidas, ali dispersas, não foram em vão! Faz cada dia valer a pena, honra-os e passa essa lição aos teus filhos e depois aos teus netos. Os teus pais vivem em ti! Nunca te esqueças disso!

- Mas os deuses são imortais! – Afirmou, na dificuldade de engolir as agruras da vida terrena.



- Os deuses também morrem!

- Como? Não há ninguém mais poderoso!

- Os deuses são espelho do homem. Quando pratica o mal, nós tornamo-nos ruins, indiferentes; por vezes fazemos coisas das quais nos arrependemos; e logo, quando nos deixam de procurar, descrentes, morremos. Somos apenas a força por detrás daquilo que as pessoas querem criar e dos valores pelos quais se movem. Por isso estou agora aqui, contemplando-vos, bravos intrépidos! Arraúl? - Interpelou Zeus observando como se mantinha reservado - Conheço os teus pensamentos

- Sabes o que me inquieta? – Falou, finalmente, o atlante.

- O passado e o presente...

- Porque mataste a minha gente? Porque optaste por uma solução tão radical?

- Numa guerra há sempre sofrimento. Seria melhor se não as houvesse. O conflito entre a Atlântida e a Grécia redundou numa ação, cujo objetivo era não só exterminar os helenos como devolver o mundo ao caos. Se no coração dos atlantes havia ódio, ressentimento, soberba, o espírito das suas vítimas implorava por esperança e salvação. Não me orgulho do desfecho. Foi um preço demasiado elevado, todavia necessário para o bem da humanidade! Lamento a tua dor e compartilho-a contigo. Olha, porém, a esperança que se abre a vós, sobreviventes. Uma nova oportunidade de construir um domínio sereno, um local idílico onde reinem os valores fundamentais universais...

- Um reino subjugado ao poder das sombras, onde apenas existem formas de crua pedra fria! – Lembrou o monarca – Precisamos da tua ajuda!



- A escuridão vai ganhar força, ocupar os países vizinhos e muito provavelmente vir até aqui! - Reforçou Olhão.

- Esta chama é a tua arma contra a Tristeza, a Amargura, a Ira, o Medo, a Discórdia e o Desânimo.

- Mas é um fogo tão trémulo e singelo! Como vou conseguir enfrentar as trevas, quando a qualquer momento, ameaça extinguir-se?

- Procura no teu coração, Arraúl! Na vida há portas para as quais só tu tens a chave!







Capítulo XI

A CHAVE da FELICIDADE

Resilientes na esperança simbolizada pelo lume ardente, regressaram ao mar. Zeus tinha colocado à disposição uma embarcação especial, inafundável, concebida para os proteger no regresso ao ocidente.

Num retorno muito duro, fustigado por muitas intempéries e contratemplos, o atlante isolava-se, apegando-se à chama de um modo quase obsessivo. Olhão não gostava daquele afastamento. Inquietava-o, pois carregava dúvidas, incertezas e mau agoiro. Sem conseguir conter o fervilhar interior, resolveu adiantar-se.

- Arraúl?



- Sim...

- Conseguiu triunfar nesta odisseia! Reunimos as esferas de luz, encontrámos Zeus e agora temos connosco o fogo sagrado!

- Trabalhámos em equipa! Falta agora o mais importante!

- Eu sei. O combate contra as trevas vai ser duro e custoso, mas eu tenho fé!

- És a personificação do alento, meu caro! - O miúdo esboçou um sorriso de felicidade. Depois de tantas aventuras, já não conseguia guardar o segredo. Finalmente, tinha ganho forças para o revelar...

- Arraúl, sei que não nos conhecemos há muito, mas já passámos por coisas inesquecíveis. Ensinaste-me o importante, ralhaste comigo quando foi necessário, contigo senti-me sempre seguro

- Onde queres chegar? Não me debes nada por isso ...

- Eu gostava muito que fosses meu Pai... - revelou quase em surdina...

- Pai? ...

- Queres ser meu pai? Meu pai de verdade? – Insistiu, animado por uma fulgente centelha de confiança.

- Olhão, eu gosto muito de ti, mas não sou nem nunca serei o teu Pai! Olha para nós dois, para as nossas fisionomias, para a cor da nossa pele; não somos nada um ao outro, nem sequer parecidos! Não somos da mesma carne, não somos do mesmo sangue! Nunca seríamos pai nem filho verdadeiros! – O menino ficou muito quietinho e reservado, escondendo o ligeiro tremor nervoso. Não



se atreveu a contestar a veemência do adulto; no aperto da emoção, lágrimas silenciosas escorreram-lhe pelo rosto. Tinha o coração desfeito. Pela primeira vez, sentiu-se frio, sozinho, abandonado. Apeteceu-lhe desistir.

Arraúl observou a criança; afastava-se devagar, pesarosa, arrastando uma manta para se refundir do outro lado do convés. Estava arrependido da dureza das palavras, contudo zangado pela ousadia. O coração estava cinzento, já não doía. Por isso agarrou-se ao fogo, cada vez mais desvanecido, e virou costas.

O navio transpôs para o Atlântico e rapidamente atingiu a entrada da barra, junto à zona da fortaleza.

As trevas estavam mais fortes, omnipresentes, decididamente implantadas, porém pacientemente restritas ao reino, como se futuras conquistas estivessem dependentes de um derradeiro ajuste de contas.

Atentos à situação, Zéfiro e os Esuri aguardavam na fronteira. Tinham reunido os mais valentes e corajosos. Argumentos convencionais pouco podiam contra forças daquele calibre. Necessitavam do fogo divino, o despertado em Olímpia.

O sopro negro, profano nos soluços de raiva, agitou o barco. Preparava-se uma batalha e as forças da escuridão demonstravam estar bem apetrechadas para o embate final.

Arraúl segurou o fogo nas mãos e ergueu-o à altura do peito. A chama continuava franzina, hesitante e assustada, ainda que teimasse aguentar o uivo da ventania. O atlante aguardou expectante; nada se alterava. Oculto no convés, Olhão espiava o cenário dantesco. Defendia o gládio junto ao peito e, tal como os outros, sofria por um milagre.

Os vultos marchavam, paulatinamente, sobre a maré, certos da incontestada



invulnerabilidade. O rei, avançou até à proa, brandindo o lume, na esperança de a luz vir a ofuscar a escuridão. Já tinha convocado a baleia Tounarouz, mas as forças inimigas souberam prevenir a chegada.

Na impaciência da aflição, o catraio decidiu agarrar-se aos instintos de valente e dar luta àquele mal. De brinquedo em punho firmado, o petiz arrancou pela amurada, arremessando contra os soldados vestidos de morte.

Olhão atacou os opositores com bravura e destreza; convicto, cortando por entre as vestes nebulosas e os espíritos cadavéricos. Por alguns momentos parecia ganhar; a longo prazo, o esforço tornou-se inglório. Um golpe baixo estremeceu o casco e atirou o menino às águas negras, arrastando-o para a profundidade cor de chumbo.

Ao ver o amigo mergulhado na iniquidade, o tempo ficou suspenso. Na letargia dos segundos, Arraúl olhou para a criança, fixando como os gritos abafados do inferno, a conduziam para o fim. Entre os dedos, o lume divino reclamava proteção; era a única esperança de renovar o reino e trazer à vida quem mais amava.

Fechou os olhos e deixou as emoções invadirem-lhe a alma. A odisseia conduziu-o a um ponto culminante, um desenlace para o qual era impossível ter-se preparado, uma conclusão sem final feliz.

No pico da indecisão, o homem capaz de resgatar a Esperança, a Amizade, o Respeito, a Alegria, a Determinação e a Coragem entendeu só haver uma chave capaz de o desenredar do cativeiro, ao qual se amarrara.

Sem vacilar, o destemido largou o facho, arriscando-se na fundura letal do oceano; um terrível exercício contra a nula visibilidade e o assédio hostil das lanças subaquáticas. A dor aflitiva perpetuava-se num acelerómetro conversor.



Segundos zuniam horas, mas havia o crer e este foi mais forte.

Num fôlego expirado, Arraúl rompeu a superfície, trazendo o garoto à tona. Alheio à catástrofe nadou, sem olhar para trás, rumo à praia. Ali por perto estava a figura da mulher, inerte e gelada; tal como o corpo da criança, sem sinal de vida.

Longe dos tempos felizes, a cor da esperança desbotara, pois ali mandava o feio, cor de breu. Não havia natureza; imperava a ruína; regia a desolação.

Num assombro de crueldade, as sombras cercaram-no, desembainhando as pérfidas lâminas de mau instinto. Cerraram fila e avançaram de sorriso carrasco. O atlante não quis saber. Beijou a esposa empedernida e concentrou-se naquela singela forma de vida, diante de si.

Na atrocidade do momento, o rei de Marim ensaiou várias manobras de reanimação. Exactas, incisivas, rigorosas. Atuar, repetir, voltar a tentar. Uma, outra e mais uma vez. Agora, ali, já, não podia perder.

Para sua revolta, o físico do petiz continuava apático, cortiço, sem sinal de ânimo. Arraúl sentia angústia a sufocá-lo e o sórdido peso do desespero arrancar-lhe o alento. Segurou então a cabeça do menino e ergueu os olhos para o firmamento.

- É esta a lição que tens para nos dar Pai do Céu? Foi para isto que nos recebeste? É este o destino que reservaste para esta criança? Mata-me a mim! Entrego-me nas mãos destes gumes vis, despeço-me da mulher que tanto amo, mas por favor! - Soluçou - Estive cego, Zeus, estive ensombrado pelo orgulho! Mas é minha, não dele! É minha, toda a culpa! Nunca foi dele culpa nenhuma! - Respirou fundo - Por favor Zeus, deixa-me salvá-lo deixa-me salvar... o meu... filho! - O atlante segurou a criança e trouxe-a para a beira



da mulher. Abraçou os dois. Uma lágrima de comoção rolou-lhe pela face, salpicando o semblante do menino. Depois outra e ainda uma terceira.

Vencedores da maldade, os sextrarcas fecharam a roda. Encenavam um bailado. Perfeito sinistro, premonitório. O ato final.

Inexplicavelmente, o mar libertou o resplendor e de súbito se ergueu uma luz. Uma chama brilhante, incomensurável, irresistível. Um fogo tão inimaginável quanto imprevisto. Na constância do sinal, os cavaleiros arrancaram para o assalto. As armas tinham-se convertido em luz. Finalmente, instrumentos capazes de romper os muros da agonia. Uns atrás dos outros, os profanos exércitos, outrora invencíveis, soçobraram perante o balanço heróico dos destemidos guerreiros da amizade.

Diante da praia, um feixe de luz libertou o oceano, explodindo em línguas luminosas. Extinguiu-se a escuridão; o fogo consumiu as sombras; à terra foram devolvidas as cores originais; tudo se transformou e reapareceu com alegria; quebrado o encantamento, libertado do feitiço, reemergido o povo, o reino renasceu da reclusão.

Todos voltaram à vida, e os céus, outrora tenebrosos, reluziam uma tarde de verão.

O poderoso impacto da luz apagou a escuridão, levando todos os seus correligionários para o olvido, sítio longe, eterno e profundo. Tinha-se concretizado o milagre. Marim estava salvo!

No areal, uma ainda aturdida Leia amparou-se no marido.

- Quem é? - Perguntou, enquanto contemplava o infante, ainda estremunhada pela incrível sucessão de acontecimentos.



- Alguém por quem esperámos durante muito tempo! É Olhão, o nosso filho!

- Ele está tão frio e tem os lábios roxos! Deixa-me pô-lo ao colo! - Amparado pelo consolo maternal, a criança recuperou os sentidos e abriu os olhos. O intenso brilho solar ofuscou-lhe a vista, retardando o despertar. Pensou estar nalgum tipo de paraíso ou terra celeste, porém reconheceu o rosto familiar e percebeu estar onde sempre havia sonhado.

- Mãe!

- Descansa, está tudo bem! - Sossegou a progenitora.

- Estás em casa Olhão! Somos uma família! - O rapaz abraçou os pais e deixou-se ali estar, segurando o comovente sucesso; um triunvirato, envolvido numa radiosa espiral de magia. Depois de todas as aventuras e desventuras, tinha-se cumprido o auspício. Finalmente, podia ser feliz!







Capítulo XII

EPÍLOGO

Um ano mais tarde, o Reino Literário de Marim rejubilou em festejos. As ruas cintilavam, engalanadas por colchas imaculadas e pungentes jogos florais. Na ria, os barcos fundeavam, encadeados em espinha sobre a superfície verde-esmeralda. Faziam-no de gala, exprimindo a alegria vibrante e efusiva de toda a população.

Na janela virada ao mar, Leia contemplava tudo aquilo. No rosto um sorriso primaveril. Acarinhava no regaço a sua menina, recém-nascida.

Da praia levantou-se um burburinho. Alguém chegava, caminhando sereno sobre as águas e logo pelo areal. Vinha Zeus, o patrono da paz, enterrar



antigas diferenças.

- Arraúl! Olhão! Que felicidade voltar a encontrar-vos!

- É uma longa viagem desde a Grécia! - Comentou o miúdo.

- Não demorou! Apolo deu-me boleia na sua carruagem de fogo!

- Bem-vindo a Marim! Esta é a minha mulher, Leia, e a nossa filha!

- Enche-me o coração ver uma família feliz! - Sublinhou o deus.

- Gosto muito da minha maninha! Vou protegê-la para sempre! - Enfatizou o garoto, orgulhoso por ocupar o solene posto de irmão mais velho.

- Sê muito bem-vindo a este reino! – Acolheu o soberano num abraço de terna e divina amizade – Esta casa, é também a sua casa!

- Venho até vós para propor uma trégua, uma paz eterna entre o Olimpo e os descendentes de Atlas!

- Enterrar definitivamente todos os pleitos e sentimentos negativos? – Indagou a rainha.

- Colocar um ponto final em todos os erros e construir uma aliança para o futuro! -Complementou o senhor do céu - Como se chama a criança?

- Quelfes! Foi o nome escolhido pelo mano. – Confirmou a mãe.

- Que por esta menina, se abençoem todas as crianças do mundo! – Anunciou Zeus, imbuído de toda a autoridade celeste - Que por ela se semeie o Espírito



Olímpico e, em seu nome, se celebrem Jogos para os filhos da Humanidade! Toma Arraúl, esta é a divina medalha do Olimpo! - O rei recebeu a peça de ouro em suas mãos. Nela resplandecia o relâmpago dourado, símbolo maior do panteão helénico, objeto, por natureza, inacessível aos mortais.

- Será a nossa relíquia, a qual ostentaremos sempre com grande orgulho!

- Todos os anos, por altura da primavera, virei até aqui acompanhado pelos meus irmãos Olímpicos. A tua filha será o nosso disco de bronze, o símbolo desta nova e eterna aliança, a recordação deste perpétuo compromisso. Celebraremos este reencontro e marcaremos o lançamento de jogos atléticos!

- Os Jogos de Quelfes! – Afirmou, expedito, o miúdo.

- Sempre que alguém, dando seguimento a maus instintos, quiser tentar fazer esquecer esta história ou apagar esta dádiva, lembraremos ao mundo como, mesmo nos cenários mais improváveis, combatendo todas as probabilidades, previsões e ufanas certezas, em cenários de desconfiança, mágoa e rancor, é possível estabelecer pontes de entendimento e construir a paz!

Depois dos acontecimentos narrados nesta estória, Leia e Arraúl tiveram mais três filhos: Ulya, Gilão e Arade, cujos respetivos reinos ganhariam fama no sudoeste peninsular.

Olhão e Quelfes sucederam aos pais, dando continuidade à dinastia. Na elegância de uma colina atenta ao mar, decidiram erguer uma escola; celebravam a educação, pedra basilar de uma política de prosperidade, desenvolvimento e concórdia.

Zeus e os seus olímpicos mantiveram a promessa de regressar anualmente a Marim. Foi nessa época, durante o reinado dos dois irmãos, que os Jogos de



Quelfes redigiram algumas das páginas mais brilhantes do florescimento atlético, cultural e ambiental, afirmando uma participação focada no desenvolvimento do ser pessoal e social, à luz de um padrão de conduta cortês e distinto.

Um pouco por todo o lado, “os cavalos-marinhos”, terna alcunha da seleção infantil de Marim, ganharam força enquanto sinónimo de bravura, lealdade, entrega e carácter, estabelecendo um legado presente e vindouro.

Junto deste lugar a sul chegaria, um dia, o errante Gran Valira para coletar a famosa saga, «Contos da Ria Formosa», destinada a perdurar no tempo e na tradição das civilizações locais

Mas não ficaria esta narração completa sem referir o lugar de Zéfiro. O deus do vento do oeste regressou ao registo pacato dos campos do barrocal onde, por entre montes e vales, continua a apascenta rebanhos e a talhar sobreiros, árvores de onde se extrai a melhor cortiça do mundo. Ocasionalmente, sobe ao cerro, mas com outras prioridades. Retirou-se das obrigações celestiais para ser feliz enquanto contador de estórias e divulgador cultural. Ainda assim, quando os céus privam as gentes de chuva ou o frio ameaça a partir do norte matreiro, é por ele que o povo cristão continua a chamar, com carinho e devoção, São Brás de Alportel.







ÍNDICE

I - No Início.....	9
II - O Mal entre Nós	17
III - Uma Centelha de Esperança	23
IV - O Exuberante Norte de África	31
V - Calcorreando o Levante.....	45
VI - As Ilhas e os Piratas	67
VII . Um Companheiro Inesperado	83
VIII - Desafios Itálicos.....	97
IX - O País dos Helenos	121
X - A Misteriosa Olímpia	131
XI - A Chave da Felicidade.....	141
XII – Epílogo	149

